

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

DAYANNE MIRELLI DE LIMA SILVA

**DUPLA JORNADA DO TRABALHO: ANÁLISE DOS FATORES
ESTRESSORES EM MULHERES NAS UNIDADES PRODUTIVAS DE
CONFECÇÕES EM CARUARU - PE**

CARUARU
2017

DAYANNE MIRELLI DE LIMA SILVA

**DUPLA JORNADA DO TRABALHO: ANÁLISE DOS FATORES
ESTRESSORES EM MULHERES NAS UNIDADES PRODUTIVAS DE
CONFECÇÕES EM CARUARU - PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Márcia Batista Almeida Pereira

CARUARU
2017

Catálogo na fonte:

Bibliotecária – Paula Silva – CRB/4-1223

S586d Silva, Dayanne Mirelli de Lima.
Dupla jornada do trabalho: análise dos fatores estressores em mulheres nas unidades produtivas de confecções em caruaru-PE. / Dayanne Mirelli de Lima Silva. – 2017.
64f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Ana Márcia Batista de Almeida.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2017.
Inclui Referências.

1. Roupas - Confecção (Caruaru-PE). 2. Mulheres - Emprego (Caruaru-PE). 3. Trabalho – Aspectos psicológicos (Caruaru-PE). 4. Stress ocupacional (Caruaru-PE). 5. Trabalho doméstico (Caruaru-PE). I. Almeida, Ana Márcia Batista de (Orientadora). II. Título.

658 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2017-175)

DAYANNE MIRELLI DE LIMA SILVA

**DUPLA JORNADA DO TRABALHO: ANÁLISE DOS FATORES
ESTRESSORES EM MULHERES NAS UNIDADES PRODUTIVAS DE
CONFECCÕES EM CARUARU - PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Márcia Batista Almeida Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Elisabeth Cavalcante dos Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Claudia Freire (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por tudo que fez e ainda fará. Aos meus pais José Alexandre e Genivalda Elza, minha irmã Darlanne Michelli e meu esposo Aldeci José, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois Ele me permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, não somente nestes cinco anos como universitária, mas em todos os momentos Ele tem sido o mestre maior.

A Universidade Federal de Pernambuco - CAA, pela oportunidade de realizar meu sonho de formação no nível superior.

Agradeço a todos os professores que me proporcionaram conhecimento em todo o processo de formação profissional.

Aos meus pais, e irmã, por todo amor, incentivo e apoio incondicional.

Obrigada a meu esposo, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre entendeu que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Meus agradecimentos também aos meus amigos, que me apoiaram em toda minha formação.

RESUMO

A confecção é uma atividade que surgiu desde os primórdios da história do país e vem se modificando. Apesar de todas as alterações ao longo do tempo, um fator ainda se mantém de forma desigual, quando se trata do trabalho realizado pelas mulheres, que é o fato de ainda terem que dividir o seu tempo entre suas atividades profissionais e os afazeres domésticos. Na confecção, em particular, esta condição tem favorecido o aparecimento do estresse. Esta pesquisa se propõe a analisar a percepção das costureiras sobre os fatores estressores em seu cotidiano de trabalho, considerando que enfrentam a dupla jornada. Os objetivos específicos buscaram a) Caracterizar a dupla jornada de trabalho de costureiras do Polo de Confecções do Agreste; b) identificar os principais fatores estressores relacionados ao trabalho das costureiras, chamando a atenção para a dupla jornada; c) verificar as alternativas de enfrentamento acionadas frente à pressão dos fatores estressores. O aporte teórico se apoiou em três eixos principais: na literatura que remonta a origem do Polo de Confecções; nos estudos sobre o trabalho feminino, com destaque para o trabalho das mulheres na confecção, e também nos estudos sobre o estresse. Para esta pesquisa foi realizada uma investigação de caráter qualitativo, tendo como sujeitos seis mulheres costureiras de unidades produtivas formais e informais de *jeans* na cidade de Caruaru - PE. As técnicas de produção do material empírico foram a entrevista semiestruturada, aplicada em duas fases, e também a observação direta. Para a análise das entrevistas foi utilizada a estratégia de análise do discurso (FLICK, 2009). As conclusões obtidas constataram a existência de uma rotina intensa de trabalho devido à necessidade de trabalhar fora de casa, com grande carga horária, onde sofrem pressão para produzirem de forma eficiente e ainda assim ter que realizar os afazeres domésticos quando estão em casa. Devido a todo esse ritmo, é possível notar a desmotivação, o cansaço e o desgaste físico e mental das mesmas, se limitando a encontrar formas de escape no emocional, diante das pressões sofridas.

Palavras-chave: Confecções. Trabalho feminino. Dupla jornada. Estresse.

ABSTRACT

Confection is an activity that has arisen since the beginnings of the country's history and has been changing. Despite all the changes over the time, one factor remains unequal when it comes to the work done by women, which is the fact that they still have to divide their time between their professional activities and the household chores. In the confection, in particular, this condition has favored the appearance of stress. This research proposes to analyze the perception of the dressmakers on the stressors in their daily work, considering that they face the double journey. The specific objectives sought a) to characterize the double journey; B) identify the main stressors related to the work of tailors, drawing attention to the double journey; C) to verify the alternatives of confrontation triggered against the pressure of the stressors factors. The theoretical contribution was based on three main axes: in the literature that goes back to the origin of the pole of confection; In studies on women's work, with emphasis on the work of women in clothing, as well as studies on stress. For this research was carried out a qualitative investigation, having as subjects six women seamstresses of formal and informal production units of jeans in the city of Caruaru - PE. The techniques of production of the empirical material were the semistructured interview, applied in two phases, and also the direct observation. For the analysis of the interviews the discourse analysis strategy was used (FLICK, 2009). The conclusions obtained verified the existence of an intense routine of work due to the need to work outside the home, with a large workload, where they are pressured to produce efficiently and still have to perform the housework when they are at home. Due to all this rhythm, it is possible to notice the demotivation, the tiredness and the physical and mental exhaustion of the same, being limited to finding ways of escape in the emotional, before the pressures suffered.

Keywords: Clothing. Female work. Double journey. Stress.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Parque das Feiras.....	23
FIGURA 2: Polo Comercial de Caruaru.....	24
FIGURA 3: Moda Center Santa Cruz.....	24
FIGURA 4: Taxa de participação no mercado de trabalho	28
FIGURA 5: Unidade produtiva formal	44
FIGURA 6: Unidade produtiva informal	45

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Unidades produtivas	26
TABELA 2: Fatores estressores	35
TABELA 3: Síntese dos autores	37
TABELA 4: Síntese das etapas da pesquisa de campo	40
TABELA 5: Características das trabalhadoras	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

GTDN - Grupo de Trabalho para Desenvolvimento do Nordeste

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUDENE - Superintendência de desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2	OBJETIVOS DA PESQUISA	16
1.2.1	Objetivo geral	16
1.2.2	Objetivos específicos	16
1.3	JUSTIFICATIVAS DO ESTUDO.....	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1	ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CONFECÇÕES NO AGRESTE PERNAMBUCANO	18
2.1.1	Contexto histórico do surgimento da confecção no Nordeste brasileiro.....	18
2.1.2	Surgimento da Sulanca.....	20
2.1.3	O Polo de Confecções de Pernambuco.....	22
2.1.4	Organização das unidades produtivas.....	25
2.2	TRABALHO FEMININO	27
2.2.1	Trabalho Doméstico e a diferença entre homens e mulheres.....	29
2.2.2	Trabalho feminino na confecção.....	31
2.3	ESTRESSE: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E FORMAS DE ENFRENTAMENTO.....	32
2.3.1	Conceito de estresse.....	32
2.3.2	Estresse Ocupacional.....	34
2.3.3	Enfrentamento do estresse.....	36
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	38
3.2	SELEÇÃO DAS PESQUISADAS.....	38
3.3	PLANO DE PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	39
3.4	PLANO DE ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO	40
4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41

4.1	PERFIL DAS TRABALHADORAS	41
4.2	CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES PRODUTIVAS	42
4.2.1	Unidade produtiva formal.....	42
4.2.2	Unidade produtiva informal	44
4.3	CARACTERIZANDO A DUPLA JORNADA	46
4.4	PRINCIPAIS FATORES ESTRESSORES EM COSTUREIRAS.....	50
4.5	ALTERNATIVAS DE ENFRENTAMENTO	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5.1	SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	55
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada (1ª Fase)	60
	APÊNDICE B - Roteiro da observação direta	61
	APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada (2ª Fase)	62
	APÊNDICE D - Sistematização do Material Empírico	63

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão apresentados o tema e o problema da pesquisa, em seguida, os objetivos, sendo estes o geral e os específicos. Ao final, as justificativas do estudo.

1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

No Brasil, antes de ser colonizado, os índios que aqui viviam já cultivavam, fiavam e teciam o algodão, que foi o produto que revolucionou o Nordeste do Brasil e único a enfrentar a produção da cana-de-açúcar com sucesso em meados do século XVIII. Com a vinda da família real ao país houve a abertura por portos facilitando assim o comércio entre os moradores do Recife e os ingleses e, posteriormente, com os Franceses. Em meados do século XIX, por volta dos anos de 1840 a 1850, vieram dos Estados Unidos para o Agreste e Sertão do estado de Pernambuco, mudas de algodão herbáceo, causando assim uma grande revolução deste produto (BURNETT, 2013).

No século XIX, houve em Pernambuco grandes investimentos na área têxtil com a instalação de muitas indústrias nas cidades de Recife, Olinda, Moreno e Timbaúba. Retalhos trazidos destas indústrias eram levados ao Agreste do estado, mais precisamente para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, onde eram trocados por produtos, tais como: galinhas, queijos e carvão vegetal que seriam levados para o Recife. Estes retalhos eram utilizados pelas mulheres, que moravam na zona rural para confecção de roupas e lençóis, posteriormente vendidos nas feiras livres com a intenção de ajudar no aumento da renda familiar (BURNETT, 2013). Sobre esse processo, Sá (2015) também comenta:

Trazer o caminhão na viagem de volta, carregado de retalhos, era um negócio de custo baixo e de potencial lucratividade numa região na qual crescia a quantidade de pessoas envolvidas com confecção. É deste negócio que emergiram as primeiras pessoas de êxito econômico socialmente reconhecido e relacionado ao fenômeno “*sulanca*”: os atacadistas de tecidos. Foram seus antecessores, os transportadores e vendedores de retalhos que vislumbraram naquela atividade iniciada por mulheres e crianças, realizada em suas humildes casas, com as sobras das indústrias dos centros urbanos do país, um “negócio de futuro” (SÁ, 2015, p. 108).

A costura era considerada um trabalho feminino, devido a uma característica imposta culturalmente e, na região, reforçada pelo protagonismo das mulheres na atividade. A inserção dos homens se deu no manuseio de máquinas mais avançadas, enquanto as mulheres

operavam as máquinas com menor complexidade. Neste cenário é que a atividade de confecção começou na zona rural, como já dissemos (CARVALHO; SILVA, 2015). Na década de 1970, a quantidade de famílias envolvidas no trabalho da confecção de roupas já havia crescido consideravelmente e se organizavam em unidades produtivas informais. Após a produção comercializavam nas feiras livres, as denominadas “Feiras da *Sulanca*.”¹ (ZANATTA, 2016).

Em Caruaru, desde o século XIX, já existia a Feira da Cidade, chamada de Feira de Caruaru, que era localizada na Rua XV de Novembro, no Centro, onde se comercializavam utensílios de cozinha, panelas de barro, grãos, alimentos, roupas, entre outros produtos. As roupas que eram confeccionadas na cidade vizinha, Santa Cruz do Capibaribe, era revendidas na cidade de Caruaru, aumentando a renda desses habitantes, que também passaram a produzir e vender por conta própria (ZANATTA, 2016).

Esse tipo de produção cresceu e passou à zona urbana do estado, demandando, cada vez mais, tempo e tecnologia no seu processo: “esse fenômeno se expandiu formando uma *rede nacional de parentesco e amizade* de arranjos produtivos e comerciais diferenciados e hoje é denominado de *Polo de Confeções do Agreste de Pernambuco*” (BURNETT, 2013, p. 11).

Este Polo é concentrado nas cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, sendo o “segundo maior Polo produtivo e comercial do país, ficando atrás apenas de São Paulo” (ZANATTA, 2016, p. 14), baseando sua economia nas organizações formais (fábricas) e informais (fabricos e facções), onde as fábricas são as unidades produtivas com registro, cuja atividade está regularizada e os fabricos e as facções são as unidades informais (sem registro como empresa), que funcionam nos domicílios, cujos trabalhadores realizam a confecção da peça inteira ou parcialmente (ZANATTA, 2016).

O trabalho da confecção no Polo do Agreste Pernambucano, como vimos, não é uma atividade recente, porém vem apresentando grande dinamismo, principalmente na produção em *jeans*. Para se trabalhar com a confecção de *jeans* o investimento é alto em relação a outros tipos de confecções, porém, rentável. Dentre os municípios localizados no *Polo*, o que mais se destacou na produção de *jeans* foi o de Toritama², com investimentos em fábricas de

¹ O termo *sulanca* foi inicialmente utilizado para se referir ao tecido que vinha do Sul do Brasil, chamado de *helanca*, devido à junção dos nomes Sul e *Helanca* (BURNETT, 2013; ZANATTA, 2016).

² Mesmo diante da concentração da produção do *jeans* no município de Toritama, pesquisa aponta para a presença de fábricas, fabricos e facções de *jeans* no bairro do Salgado em Caruaru (SILVA FILHO, 2013).

jeans, e a proliferação de unidades produtivas complementares - os fabricos e as facções -, pois apresentam um investimento menor e uma produção maior, trazendo assim uma equação lucrativa (SEBRAE, 2013).

As facções e os fabricos surgem da necessidade de ampliar a lucratividade, pois, o setor de confecções oferece um baixo salário e como estas unidades produtivas não são cadastradas como empresas, reduz-se o custo com encargos sociais e gastos produtivos. Com isso, recorreu-se às trabalhadoras domiciliares, que devido à necessidade de manterem a casa e os filhos, submetem-se a remunerações inferiores (LEITE, 2004).

Assim como no início da atividade de confecção, ainda hoje as mulheres ocupam um grande número nas atividades de produção, exercendo uma jornada de trabalho exaustiva quando associada às atividades domésticas, chegando a trabalhar cinco horas semanais a mais que os homens, e exercem suas atividades por muitos anos durante a vida (CARVALHO, SILVA, 2015). Sobre isso é importante entender a importância de se perceber que “as origens sociais de determinado padrão vigente de relações de gênero reside na constatação de que se as causas da desigualdade são sociais, também são sociais as suas possibilidades de transformação” (VELOSO, 2003). Fazem parte dos grupos sociais vulneráveis à precarização do trabalho, sendo estas mulheres as que, na maioria das vezes, são responsáveis por manter financeiramente seus lares dentro de um contexto que requer delas o cumprimento das tarefas domésticas e profissionais, levando-as a trabalhar em casa para que possam suprir todas as esferas a elas impostas (LIMA, 2009).

Devido a todos os fatores citados com relação à posição da mulher diante da necessidade de ser profissional e mantenedora, é perceptível a necessidade de ajuste no padrão de comportamento e no esforço necessário para alcançar os seus objetivos, sabendo que cada indivíduo possui um limite de energia para adaptar-se a situações adversas, levando ao estresse quando este limite é esgotado, com isso: “o organismo, ao receber um estímulo, desencadeia uma resposta, como o preparo para fuga ou reação de enfrentamento da situação geradora do mesmo” (SILVA, 2010, p. 5).

Os sintomas do estresse aparecem de forma diferente em cada indivíduo, uns podem apresentar mais e outros menos, estes sintomas podem ser: sinais de cansaço, perturbação, pigarro, aceleração dos batimentos cardíacos, perda de memória, dores de cabeça intensas, hipertensão, dores na coluna, dentre inúmeros outros. (SEGANTIN; MAIA, 2007)

Como a atividade de confecção na região é exercida, em pequenas unidades e em ritmo intenso, as trabalhadoras podem não perceber as condições de estresse a que estão

submetidas, principalmente se a atividade é realizada no domicílio quando comparada àquela em unidades produtivas formalmente constituídas, separadas do local onde as trabalhadoras residem. Com isso, enxerga-se a importância deste estudo focalizar nos dois modelos de unidades produtivas: a formal (fábrica) e a informal (fabrico). Vale salientar que, em ambas situações, as mulheres enfrentam a dupla jornada, ao serem donas de casa e trabalharem na confecção para auxílio no sustento da família.

Diante de tais especificidades, a pergunta de pesquisa que guiará o presente estudo é: qual a percepção das costureiras de unidades produtivas formais e informais de *jeans* em Caruaru-PE sobre os fatores estressores em seu cotidiano de trabalho, considerando que enfrentam a dupla jornada?

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a percepção das costureiras sobre os fatores estressores em seu cotidiano de trabalho, considerando que enfrentam a dupla jornada.

1.2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a dupla jornada de trabalho de costureiras do Polo de Confecções do Agreste;
- Identificar os principais fatores estressores relacionados ao trabalho das costureiras, chamando a atenção para a dupla jornada;
- Verificar as alternativas de enfrentamento acionadas frente à pressão dos fatores estressores.

1.3 JUSTIFICATIVAS DO ESTUDO

Diante do cenário atual de nossa sociedade, cada vez mais competitivo e agitado, as trabalhadoras se veem cada vez mais pressionadas por produtividade e, por outro lado, também acumulam pressões com as atividades domésticas e/ou com os filhos. Logo, o tema escolhido é de interesse teórico, pois a partir do debate apresentado neste Trabalho de Conclusão de Curso é possível entender o processo histórico no qual as mulheres começaram a ser inseridas no ambiente da confecção e passaram a exercer uma dupla jornada laboral. Do mesmo modo, como essa atividade mudou a rotina feminina durante os anos levando-as a enfrentarem momentos estressantes, apresentando conceitos e fatos históricos de como esse processo se deu e como tem evoluído com o tempo tendo como base a revisão bibliográfica sobre os temas abordados. Com o estudo será possível ampliar o debate sobre o trabalho do gênero no campo da Administração, mostrando a importância da mulher no ambiente de trabalho e o quanto essa ainda sofre com desigualdades sociais dentro de suas atividades laborais.

Quanto à relevância prática do estudo, este se volta para as organizações e para a sociedade em geral, especialmente o público feminino, pois com esta pesquisa foi possível dar voz às trabalhadoras de unidades produtivas formais e informais de *jeans* no Agreste Pernambucano, quanto suas necessidades e demandas, podendo-se discutir novas políticas públicas sociais, especialmente de trabalho para o público feminino, devido à intensa jornada de trabalho que possuem e as condições de trabalho desfavoráveis, tais como a informalidade e a precariedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo do estudo, abordamos o contexto histórico do surgimento da confecção no Nordeste do Brasil, sua importância na região, tendo como foco o Agreste de Pernambuco, local onde surgiu o movimento da sulanca que deu origem ao grandioso Polo de Confecções na região. Destacamos, ainda, o funcionamento das unidades produtivas de confecção no Polo.

Em seguida, abordamos o trabalho feminino, em relação às desigualdades que sofrem por exercerem as funções de casa e trabalharem fora, e como a costura foi e é importante para a confecção no Nordeste Brasileiro. Por fim, o estresse, referido ao ambiente de trabalho, apontando os principais fatores e as estratégias de enfrentamento.

2.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CONFECÇÕES NO AGRESTE PERNAMBUCANO

Nas próximas seções veremos como se deu a origem das confecções no agreste pernambucano e como ocorreu o seu desenvolvimento, trazendo para o Nordeste um novo modelo de comércio, o polo de confecções do agreste, tendo Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, como principais cidades de produção desta região.

2.1.1 Contexto histórico do surgimento da confecção no Nordeste brasileiro

No século XV quando o Brasil foi colonizado, os índios que aqui habitavam já utilizavam o algodão. Estes já cultivavam, fiavam e teciam esta fibra para a confecção de redes e peças que compunham suas vestimentas. Com a chegada da família real ao Brasil, no ano de 1808, houve a abertura dos portos facilitando assim uma ligação direta para comercialização entre os moradores do Recife e os ingleses e, posteriormente, com os Franceses, onde o Brasil conseguiu um elevado preço para exportação do algodão arbóreo, algodão nativo, e outros produtos.

Inicialmente a produção têxtil era realizada de forma manual, onde se fiavam o algodão para a que esse fios fossem utilizados na confecção de sacos para embrulhar mercadorias, confecção de roupas para escravos e para a população de classe baixa.

Em 1860 com a existência das guerras da independência e da secessão, abriram novos mercados para a exportação do algodão e o estado de Pernambuco foi muito incentivado a aumentar sua produção (HELENO, 2013).

Em meados do século XIX, mudas de algodão do tipo herbáceo foram trazidas dos Estados Unidos para o agreste e sertão pernambucano (BURNETT, 2013). O agreste pernambucano está na “área de transição entre a Mata úmida e o Sertão semi-árido” (LIRA, 2006). Segundo Beltrão (2003), estas regiões são boas produtoras de algodão devido ao seu clima semiárido, pois o algodão é capaz de resistir ao clima seco e produzir suas melhores fibras sem precisar de grande quantidade de água. Com isso, na década de 1841 a 1850, aconteceu uma grande revolução do algodão no Nordeste brasileiro, sendo este o principal produto até a década de 1940, superando até a cana-de-açúcar (BURNETT, 2013).

Apesar da pujança do algodão no Nordeste, havia desigualdades entre as regiões no país nos anos de 1950. Não existia no Nordeste nenhum órgão que regulamentasse e coordenasse a industrialização e o desenvolvimento desta região, sendo o único órgão federal atuante o Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS), que controlava as construções civis voltadas para a estruturação devido às duas grandes secas vividas pela região em 1952-53 e 1958.

Com a pressão da sociedade civil foi criado o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), responsável por criar planos de trabalho para o Nordeste brasileiro. Após estudos realizados pelo GTDN, foi implantada a SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - em 1959, que avaliou que a região detinha um baixo dinamismo, pois enquanto o Sudeste crescia se especializando em industrialização, o Nordeste mantinha-se no velho setor primário-exportador (BURNETT, 2013). Com o avanço das tecnologias no espaço urbano e agrícola, o estado de São Paulo passou a recrutar mão de obra, e com isso muitos nordestinos saíram de suas cidades em busca de emprego no estado de São Paulo. Sobre isso Burnett (2013) comenta:

Sendo assim, acreditamos que a região Sudeste, mais especificamente São Paulo, funcionou como uma espécie de *Império da industrialização nacional*, tendo no Nordeste o *reservatório de mão de obra* abundante, na expressão de alguns estudiosos, resultando do movimento maior de crescimento do mercado interno nacional (BURNETT, 2013, p. 18).

Neste contexto, o Nordeste brasileiro centralizou suas atividades de confecção para o mercado interno, mas, não significou que não sofreu interferências com o mercado externo de forma a ter que produzir mais, porém, apesar de ser uma região que produzia algodão de boa

qualidade, o Nordeste, “seguindo a lógica de acumulação ‘imposta’ pelo capital internacional, terminou se especializando na produção de tecidos de baixa qualidade” (HELENO, 2013, p. 108).

2.1.2 Surgimento da Sulanca

Os nordestinos que migravam para São Paulo se alojavam próximos ao Brás, um antigo bairro em São Paulo, marcado por ter atividades industriais: “é no Brás que se concentram as indústrias e lojas de confecções, que vendem no atacado e no varejo e abastecem as ‘sacoleiras’ e ‘sacoleiros’ de todo país [...], onde se localiza o comércio de *retalhos* e resíduos” (BURNETT, 2013, p. 20). Mas, devido à grande migração de nordestinos, houve uma saturação de mão de obra, levando estes migrantes a procurarem outros meios de sobreviverem neste estado onde passaram a viver, a aproveitar os restos de tecidos e os retalhos descartados pelas empresas têxteis.

No estado de Pernambuco, ainda no século XIX, as indústrias têxteis receberam grandes investimentos. Isto favoreceu o surgimento da Feira da Sulanca, nas décadas de 1950 e 1960 no Agreste Pernambucano, cuja produção de confecção utilizava os retalhos vindos das indústrias têxteis da capital do estado, Recife, assim como de Olinda, Moreno e Timbaúba. Da mesma forma, os retalhos chegavam das indústrias paulistanas, quando ocorreu a expansão do sistema nacional de estradas e rodagens. Esses retalhos se tornaram matéria prima para as mulheres costureiras da zona rural, que produziam roupas e cobertas para serem utilizadas pela família e vendidas em feiras livres para que assim pudessem ajudar no sustento familiar (BURNETT, 2013). Gomes (2002) comenta que:

No primeiro momento, as confecções buscavam os retalhos em Recife e a partir dos anos 60, em São Paulo. Enquanto o Brás se torna uma área comercial, no município de Santa Cruz do Capibaribe em Pernambuco vai se formando a concentração de oficinas de confecções, especializadas na industrialização de retalhos para a produção de roupas (GOMES, 2002, p. 98).

Estes retalhos trazidos destas indústrias eram levados ao Agreste do estado, mais precisamente para a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, onde eram trocados por produtos como galinhas, queijos e carvão vegetal, que seriam levados para o Recife. Então, a confecção denominada sulanca surgiu na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, com características

simples, rural e familiar como retratado na história seguinte contada por uma filha dos pioneiros da feira em Santa Cruz do Capibaribe:

Eu nasci no sítio Olho D'água do Púcaro, no município de Brejo da Madre de Deus, e meus pais vieram praqui [Santa Cruz do Capibaribe] na década de 50. [...] eles começaram a negociar, meu pai levava carvão, ovos, queijo para o Recife [...]. E minha mãe, toda vida foi muito trabalhadeira, aí ela matava galinha e fazia aqueles pratinho e mandava os menino vender pelas casa, pelas porta. [...] Aí minha mãe começou comprando aqueles retalhinhos e começou a fazer coberta. Naquele tempo era retalho bruto mesmo. [...] Aí ela fazia coberta, shortinho, vestidinho, mas tudo emendado, sabe? [...]. Era tudo na base da confiança, anotado num caderno. Aí depois começou vim a helanca do Sul, por isso que é sulanca. Aí depois começou os sulanqueiros, aí não era mais tropeiro e galinheiro. Aí eles levavam essa mercadoria pra Bahia e pra outros estados [...]. Quando começou, o pessoal que fabricava não vendia, eles repassavam a mercadoria pra os sulanqueiros que revendia nos outros estados. As costureiras faziam as roupas e entregavam aos sulanqueiros pra vender nas feiras. [...] Foi daí quando surgiu a feira. O pessoal começou a botar os bancos na feira. Minha mãe vendia um tipo de tecido chamado calandra. Eu não sei pra que o povo queria aquilo não. Era um tipo de tecido grosseiro. Era como um tecido de algodão meio manchado. Minha mãe era costureira [...]. Ela vendia as roupa pros sulanqueiros.

A feira começou na rua Siqueira Campos. O pessoal começou a botar uns banquinhos, a vender nas calçadas. Depois foi se expandindo. A feira livre é na Avenida Padre Zuzinha, onde tem a igreja. A sulanca é título de Santa Cruz, começou em Santa Cruz. Outra e qualquer cidade, como Caruaru, Toritama, já vieram depois de Santa Cruz. [...] A gente aprendeu a costurar desde pequena, nem alcançava na máquina. Cinco filhas, minha mãe ia ensinando, na máquina de mão, depois era máquina de pé, no pedal. Minha primeira overlock eu comprei pelo Banco do Brasil (informação verbal)³

A primeira feira da sulanca surgiu “em Santa Cruz do Capibaribe nos anos 70. Depois, em 1983, aparece outra feira em Caruaru, somando-se à tradicional Feira de Caruaru que tem 160 anos. E, mais recentemente, em fins dos anos 90, a cidade de Toritama” (GOMES, 2002, p. 142).

No início das atividades da sulanca a forma de transação utilizada para a compra e venda de mercadorias era o escambo⁴, baseado na confiança entre comprador e fornecedor. As mulheres vendiam os produtos do roçado, e outros produtos como panelas de barros, colheres de pau, entre outros nas feiras, porém nem sempre a renda era suficiente, com isso começaram a costurar não apenas para consumo familiar, mas também para outros. Estas mulheres ensinavam suas filhas o ofício da costura quando ainda eram pequenas, a fim de que estas também a ajudassem na confecção e não apenas na roça, pois, os produtos da confecção ajudariam para complementar a renda que a venda dos produtos do roçado e outros não supriam de forma suficiente. Não existia separação entre o ambiente familiar e o ofício, pois,

³ Relato obtido durante pesquisa de campo realizada por Burnett (2014, p. 156-158)

⁴“Troca de bens ou serviços sem uso de moeda” (MICHAELIS, 2017)

eram confeccionadas dentro das residências com a ajuda dos familiares, tornando-se assim as unidades produtivas desta atividade, com mão de obra de baixo custo o que possibilitava um ganho maior. Os homens, em sua maioria, eram responsáveis pelas vendas e divulgação das mercadorias produzidas pelas mulheres (BURNETT, 2014).

No período de 1930 a 1960 houve grande êxodo rural, dos habitantes do campo para a zona urbana, devido a esta nova forma de comércio com os produtos sulanca, que passou a crescer e se consolidar de forma significativa nestas três cidades do polo – Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru. Porém, na década de 1980 esta atividade começou a decair devido a ao elevado custo de da matéria prima, que antes era de forma gratuita, porém com o aumento do comércio sulanca, os fornecedores dos retalhos, passaram a vender esta matéria prima. A partir de 1990 o agreste pernambucano passou a atrair investidores, melhorando a qualidade dos produtos e os tornando cada vez mais competitivo no mercado, gerando a necessidade de uma estrutura melhor para a confecção e venda das confecções no agreste, surgindo o polo de confecções do agreste pernambucano (HELENO, 2013).

2.1.3 O Polo de Confecções de Pernambuco

A sulanca foi cada vez mais se intensificando devido à criação das pequenas unidades produtivas, instituídas nas residências, onde as mulheres, donas de casa, adquiriam máquinas e confeccionavam em casa (Burnett, 2013).

Com essa nova forma de produção e comércio surgiram as feiras de confecções nas cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama, como resultado do esforço destes trabalhadores para sua subsistência. Foi a partir de então que “os anos 2000 marcam o início das ações da iniciativa privada aliada ao poder municipal - em Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama - e investimentos em infraestrutura para dar suporte à crescente expansão das feiras locais” (ZANATTA, 2014, p.19). Esta união da iniciativa privada com o poder público municipal deu origem ao polo de confecções do agreste de Pernambuco, o principal meio de comercializar as confecções que antes eram apenas tidas como sulanca, elevando assim, o nível do produto dos trabalhadores que viram nessa atividade uma oportunidade para crescerem. Zanatta (2014) comenta sobre isso: “o Polo não foi senão o resultado da ação ‘espontânea’, ‘autônoma’, de homens e mulheres habitantes da região

movidos pela necessidade de buscar alternativas às adversas condições de trabalho e de vida a que sempre estiveram submetidos” (ZANATTA, 2014, p.12)

Este Polo de Confeções é concentrado nas cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, localizadas a 136 Km, 186 Km e 174 Km, respectivamente, da capital do estado, Recife-PE, sendo o “segundo maior Polo produtivo e comercial do país, ficando atrás apenas de São Paulo” (ZANATTA, 2016, p. 14).

O Polo de confeções do agreste é composto de três grandes centros de compras, que visam ao conforto dos compradores e fazem com que estes tenham a sensação de estarem comprando em *shoppings*, sendo esta uma das estratégias dirigidas pelo SEBRAE para que o termo sulanca não seja associado a produto de baixa qualidade (BURNETT, 2014). O primeiro empreendimento foi construído na cidade de Toritama, localizada na BR-104 (Km 30), e inaugurado em 2001, chamado de Parque das Feiras, conforme visualização na Figura 1 mais à frente. As suas características são as seguintes:

conta com uma área coberta de 11.000 m², com mais de 1.000 estabelecimentos, entre lojas e boxes padronizados. Além disso, a área interna do Parque das Feiras também possui uma estrutura de suporte aos compradores e visitantes, com agentes de segurança privada, uma praça de alimentação, banheiros públicos, caixas eletrônicas e uma rádio comunitária, usada como estratégia de divulgação. Na área externa está um estacionamento com capacidade para 2.000 veículos (PEREIRA NETO, 2011, p. 120).

Figura 1: Parque das Feiras



Fonte: <http://toritama-jeans.com>

O segundo empreendimento é o Polo Comercial de Caruaru, conforme a Figura 2, localizado à BR-104 (Km 62) e inaugurado em 2004. As suas características são: “conta com 64 mil m² de área coberta, dividindo-se em quatro módulos, dos quais, três possuem cerca de 700 lojas, boxes e quiosques destinados à venda de mercadorias, principalmente confeções, a preço de fábrica” (PEREIRA NETO, 2011, p. 122).

Figura 2: Polo Comercial de Caruaru

Fonte: <http://toritama-jeans.com>

O terceiro empreendimento é o Moda Center Santa Cruz (vide Figura 3, a seguir), localizado na Rodovia PE – 160 (Km 12), inaugurado em 2006, e o é o maior centro atacadista de confecções do Brasil, contando com “120.000 m² de área coberta, 9.624 boxes de feira e 707 lojas, divididos em seis blocos” (PEREIRA NETO, 2011, p. 118). Ainda possui vários serviços para comodidade de seus clientes, tais como: estacionamento com 6.000 vagas para carros e 500 vagas para ônibus, 19 hotéis e dormitórios, além de alojamento para motoristas de excursões, 06 praças de alimentação com dezenas de restaurantes e lanchonetes com o melhor da culinária regional, câmeras de segurança, posto ambulatorial, entre outros (MODA CENTER SANTA CRUZ, 200XX).

Figura 3: Moda Center Santa Cruz

Fonte: www.modacentersantacruz.com.br

A criação do Polo implicou

em uma ampla campanha na mídia local e junto às associações empresariais. O propósito foi o de, em combinação com um conjunto mais amplo de ações visando a modernização das atividades ali desenvolvidas, atuar também sobre a reelaboração de sua imagem, tanto para dentro, como para fora. Para isso, seria preciso desconstruir a marca *sulanca*, associada que sempre esteve a produtos de baixíssima qualidade. Desde então, vem sendo operada uma reelaboração discursiva visando pôr no lugar da 'Feira da Sulanca' o 'Polo de Confeccões'; no lugar de 'sulanqueiro', a denominação 'empresário' ou 'empreendedor'. (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2013, p. 248).

Com a criação do polo de confeccões do agreste, o produto denominado *sulanca*, passou a ser reconhecido não mais como de baixa qualidade, pois, agora possuía uma nova imagem na estrutura do comercio.

2.1.4 Organização das unidades produtivas

As unidades produtivas do polo de confeccões mantiveram em sua maioria as mesmas características que tinham em seu início, tendo “por base pequenas unidades de produção informais e a utilização do trabalho familiar” (ZANATTA, 2014, p. 17).

Por sua vez, o trabalho a domicilio tem sua origem desde surgimento das primeiras sociedades, onde todos os membros da família interagiam e eram responsabilizados por parte do processo produtivo. Sobre isso, Heleno (2013) diz:

[...] Marido, mulher e filhos, em geral, trabalhavam juntos na própria casa, usando algum tipo de maquinaria rudimentar para fabricar tecidos de algodão ou lã, rendas, calçados, cordas, pregos e correntes de ferro, e um sem-número de artigos que eram parte comercializados e parte utilizados para o próprio consumo doméstico. [...] A família era, então uma unidade produtiva. Seus membros detinham certa igualdade na responsabilidade face ao processo produtivo e, também, restrita, ainda que precária, independência econômica enquanto grupo.” (HELENO, 2013, p. 161).

No século XX, com o surgimento da industrialização, os membros da família passaram a trabalhar nas indústrias e as mulheres que, por muitas vezes, não conseguiam ser empregadas, passaram a ser responsáveis por essas unidades produtivas como parte das tarefas domésticas (HELENO, 2013).

Com o processo de globalização, a busca por diferenciação num mercado bastante competitivo se acentuou e o preço dos produtos é um fator muito importante para a obtenção de cliente e fidelização dos antigos compradores. Com isso, o mercado da confeccão vem crescendo cada vez mais, e com o desejo de aumento da lucratividade, procuram cada vez mais diminuir seus custos e encargos, pagando menores salários, transferindo o trabalho para mulheres que trabalham com confeccão em casa (LEITE, 2004).

À medida que o crescimento acontece, muitas empresas se estabelecem no ramo da confecção e passam a terceirizar sua produção, passando estes trabalhos para pequenas unidades produtivas, que se responsabilizam por todo o processo de produção ou por parte dele (LEITE, 2004), surgindo assim um grande volume de unidades complementares. Uma outra visão é que esse movimento se dá devido à saturação de grandes empresas no mercado e pelos altos custos para a implementação de novas empresas (SEBRAE 2013). A grande quantidade de unidades complementares informais tem maior concentração na cidade de Caruaru e chega a 70% do trabalho da confecção na cidade de Caruaru, indicando o seu grande dinamismo.

A tabela 1, abaixo, sintetiza os números:

Tabela 1: Unidades Produtivas

Município	Unidades Produtivas (Empresas + Unidades Complementares)	Empresas	Unidades Complementares (Fações + Fabricos)
Caruaru	4.530	1.313	3.217
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	5.722	1.447
Toritama	2.818	962	1.856
Total	14.517	7.997	6.520

Fonte: adaptado de SEBRAE, 2013

Estudo realizado pelo SEBRAE (2013), com base em 10 municípios pertencentes ao Polo de Confecções do Agreste⁵, constatou que o crescimento econômico nestas cidades foi bem maior do que o crescimento de suas populações, e que o Polo de Confecções soma hoje 18.803 unidades produtivas, sendo destas 10.743 consideradas empresas enquanto 8.060 são unidades complementares, as chamadas fações e fabricos. E sobre fábricas, fabricos e fações, Zanatta (2016) traz um conceito prático: “*fabrico* é usada popularmente para caracterizar as unidades produtivas familiares, que funcionam geralmente em domicílio, na adaptação de uma garagem, ou de outras partes da casa, de caráter informal” (ZANATTA, 2016, p 127). E ainda sobre isso, Vêras de Oliveira (2013) comenta:

⁵ Os 10 municípios que compõem o polo de confecções do agreste são: Caruaru, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Cupira, Agrestina, Brejo da Madre de Deus, Riacho das Almas, Vertentes e Taquaritinga do Norte. Existindo a predominância em três destas cidades que são Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama (SEBRAE, 2013)

As unidades produtivas foram organizadas, inicialmente, na forma de “fabricos” e “facções”. *Fabrico* é a denominação local para as unidades produtivas familiares, com funcionamento em geral domiciliar, de caráter informal, sendo que gradativamente foram comportando dimensões variadas. Tomando-se o número de trabalhadores contratados, pode não ter nenhum (ao se utilizar do trabalho apenas da própria família) ou chegar a dezenas (em bases *informais*, quase sempre) (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2013, p 240).

Zanatta (2016) ainda aponta a diferença entre os fabricos e as fábricas, uma vez que essas são regularizadas, possuindo o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) junto à Receita Federal. A autora complementa: “outra maneira popular de significar um *fabrico* é diferenciando-o da *facção*: sendo o primeiro associado à confecção de uma peça inteira e o último à ideia de realização de apenas uma parte do processo” (ZANATTA, 2016, p. 127).

Nestas unidades produtivas, sejam elas empresas ou não, pode-se notar uma grande produção de *jeans*, porém para se trabalhar com a confecção de *jeans* o investimento é alto em relação a outros tipos de confecções, porém, rentável. Dentre as cidades localizadas no Polo, a que mais se destacou na produção de *jeans* foi Toritama. As demais cidades não investem em fabricas de *jeans*, e sim nas unidades produtivas complementares que são os fabricos e facções, pois apresentam um investimento menor e uma produção maior, trazendo assim uma equação lucrativa (SEBRAE, 2013). Devido a este grande volume de produção, muitos trabalhadores escolheram trabalhar na confecção informalmente, principalmente as mulheres, devido à necessidade de ajudarem em casa e, muitas vezes, serem a principal provedora do lar, por acreditarem que o trabalho fixo poderia ser menos rentável do que o trabalho por produção, devido ao grande volume de peças que confeccionavam, principalmente nos períodos sazonais (maio/junho e novembro/dezembro) (ZANATTA, 2014).

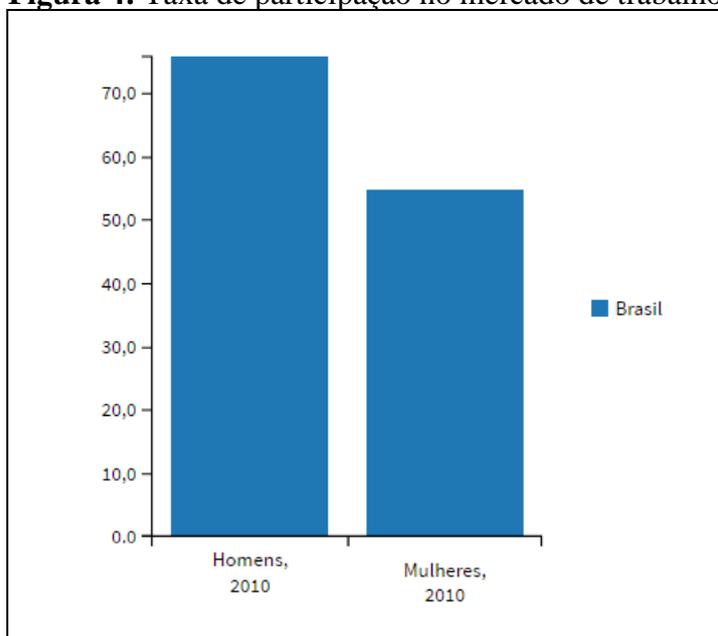
2.2 TRABALHO FEMININO

O século XIX marca o desenvolvimento da indústria brasileira, de forma tardia em relação ao países desenvolvidos, aproximadamente cinquenta anos após a revolução industrial na Inglaterra. A chegada dos empreendimentos fabris marcou a inserção de forma perceptível das mulheres no mercado de trabalho no Brasil que se deu por volta dos anos 1970, devido ao aumento do nível de escolaridade feminina, porém com um volume baixo, girando em torno de 18% (LIMA, 2009; MADALOZZO, MARTINS, SHIATORI, 2010; BEZERRA, 2011). Mas, o número de mulheres crescia significativamente na indústria têxtil e de confecção, chegando a aproximadamente 96% dos trabalhadores (BEZERRA, 2011).

Ainda nos anos 1970 predominava no mercado de trabalho as mulheres jovens, solteiras e que não eram mães, que começaram a perder espaço a partir dos anos oitenta, com a entrada de mulheres mais velhas, casadas e com filhos, se mantendo até hoje, com predominância no trabalho informal, enquanto as mais jovens aparecem mais no mercado formal (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2001/02)

Nos anos oitenta as mulheres passaram a exercer outros cargos, além de trabalharem na indústria, sua presença foi vista em posições mais elevadas, de nível superior, e com maior inserção na área jurídica, porém, estas mulheres não exerciam trabalhos que eram denominados pela sociedade como trabalho masculino. Porém, a taxa de participação feminina no mercado de trabalho brasileiro sempre foi baixa: “em 2009, a taxa de participação das mulheres com mais de 16 anos era de 58,9%, enquanto a dos homens era de 81,6%” (IPEA, 2011, p. 27). Esse número mudou, homens (75,7%), porém as mulheres ainda ocupam menos o mercado de trabalho (54,6%), segundo a figura 4, do IBGE (2017) referente aos dados de 2010:

Figura 4: Taxa de participação no mercado de trabalho



Fonte: IBGE, 2017

Os homens, em todo o território nacional, são melhores remunerados quando comparado às mulheres⁶ que exercem a mesma profissão e que têm o mesmo nível de escolaridade que o homem, chegando a receber rendimentos menores que um salário mínimo (IBGE, 2002; CHIES, 2010; LIMA, 2009), pois a mulher é desvalorizada socialmente e é subordinada independentemente de qual profissão exerça, isso faz parte do sistema no qual está inserida (CHIES, 2010).

Essa inferioridade é construída no processo de socialização como estereótipos. Elas são frágeis, emotivas e irracionais, características concebidas como inerentes às mulheres e que garantem uma identificação rígida às diferenças entre homens e mulheres. Eles são racionais e fortes. A sociedade constrói características rígidas que demarcam o padrão de comportamento do mundo masculino e do feminino (CHIES, 2010, p. 511).

2.2.1 Trabalho Doméstico e a diferença entre homens e mulheres

No Brasil, existe uma grande desigualdade quanto a alguns grupos sociais, podendo destacar “as mulheres, os jovens, os idosos e os imigrantes” (LIMA, 2009, p. 57). Essa desigualdade histórica não é apenas econômica, mas também inclui o que diz respeito as “suas relações de trabalho, suas organizações e seus direitos” (LIMA, 2009, p. 56) - algo além a se pensar quanto ao gênero.

Cada vez mais e de forma natural são feitas imposições às mulheres pela sociedade devido ao processo histórico, que torna a mulher um ser responsabilizado pelas atividades domésticas que são também incluídas no papel da mãe. Com isso, a identidade feminina não poderia ser igual à masculina dentro dos padrões da sociedade brasileira, levando a mulher a exercer dois papéis: o de trabalhadora e dona de casa, sendo subordinada pelo homem. Quando está em casa é subordinada ao pai ou esposo, o chefe da família, quando está em seu trabalho é subordinada ao chefe (CHIES, 2010; HIRATA, 2001/02).

Entretanto, a mulher nos padrões de identidade feminina definidos pela estrutura social brasileira - filha, mãe, dona de casa – assume papéis de subordinação: na casa dos pais é subordinada ao pai e depois do casamento é subordinada ao marido. Quando trabalhadora assalariada acumula duas jornadas de trabalho - em casa e no emprego, além disso, recebe um salário menor ao do homem para a realização das mesmas tarefas (CHIES, 2010, p. 510)

⁶ A diferença salarial no Brasil “passou de 50% no início da década de 90 para menos de 30% no início dos anos 2000” (MADALOZZO, MARTINS, SHIATORI, 2010, p.548)

Cresce cada vez mais o número de mulheres que chefiam a casa, sendo estas as principais responsáveis pelo afazeres domésticos e a tarefa de cuidar dos filhos e de todos os familiares (LIMA, 2009), e se veem na obrigação de manterem seus filhos e suprir de forma suficiente as questões básicas, na maioria das vezes fornecidas pelo governo de forma ineficiente. Com isso, precisam trabalhar para dar aos filhos assistência escolar e de saúde, gerando nestas mulheres uma sobrecarga que muitas vezes não pode ser dividida.

O fato de serem mães também é um fator que, muitas vezes, interfere nas atividades femininas, necessitando de tempo maior para cuidar dos filhos menores e se dividirem entre os afazeres domésticos, dificultando que estas ingressem no mercado de trabalho (BRUSCHINI, 2007; LIMA, 2009). Soares e Sabóia (2007) definem afazeres domésticos baseados na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), como sendo toda a atividade realizada

no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência (SOARES, SABÓIA, 2007, p. 10).

Assim, entende-se que as atividades domésticas são muitas e requerem tempo e dedicação para serem realizadas. As mulheres que exerciam atividades domésticas foram consideradas por muito tempo como indivíduos economicamente inativos, em grau de igualdade com “os estudantes, aposentados, doentes, inválidos e os que vivem de renda” (BRUSCHINI, 2007, p. 543). Ainda sobre isso Bezerra comenta que “ainda mais porque o tempo despendido na execução das tarefas ligadas ao contexto familiar não é levado em consideração na contabilidade do tempo social. Logo, as mulheres acumulam uma dupla jornada e, em geral, a segunda não é remunerada” (BEZERRA, 2011, p. 28).

Outro ponto é que os afazeres domésticos são um conjunto de atividades que, em sua maioria, não é compartilhada com os demais membros da família. Sobre isso Chies (2010) afirma: “esse é um contexto de subordinação da mulher, pois a ela é imposta culturalmente essa responsabilidade mesmo que ela assuma, como o homem, outras responsabilidades como o rendimento mensal da família” (CHIES, 2010, p. 513)

Enquanto as mulheres exercem uma dupla jornada, se dividindo entre as atividades domésticas e profissionais, os homens justificam a não colaboração com os trabalhos domésticos por serem os provedores do lar e quando há a sua colaboração, o tempo é menor e

as atividades são bastante seletivas. As atividades mais exercidas por ele são: as manutenções ou conserto de maneira eventual, cuidar dos filhos, fazer as compras da casa ou levar os filhos ao médico, ajudar os filhos nos deveres escolares, se opondo às atividade que requerem habilidades manuais, que são exatamente as que consomem mais tempo em sua execução. (BRUSCHINI, 2007)

Quanto ao tempo gasto na realização destas tarefas é maior para as mulheres em comparação aos homens, e principalmente as que são mães, pois, essas necessitam de dedicação maior aos filhos, principalmente quando estes são menores. A relação quanto ao tempo gasto diz muito também quanto ao tipo/arranjo de família que se tem, sejam as famílias tradicionais, que são compostas pelo cônjuge e filhos ou as que dependem unicamente da mulher como chefe da casa para manutenção dos filhos. Quanto ao primeiro arranjo familiar que se trata da família tradicional, a mulher leva em torno de 33 horas semanais voltada para a atividades doméstica e, muitas dessas horas, também dedicada aos filhos. Em relação à mulher que chefia a casa essas horas passam a ser maiores, pois não possuem ajuda de um cônjuge, mesmo que essa ajuda seja pequena (BRUSCHINI, 2007; SOARES, SABÓIA, 2007).

2.2.2 Trabalho feminino na confecção

As mulheres tiveram grande importância para o setor de confecções, onde é possível notar a grande quantidade de subcontratadas para exercerem atividades de confecção, pois, devido à grande dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho, principalmente as mulheres mais velhas, estas encontraram neste setor uma forma na qual puderam se manter trabalhando mesmo tendo que cuidar da casa (BRUCHINI, 2007; LIMA, 2009).

As mulheres que trabalham no setor da confecção, na maioria das vezes, não possuem carteira assinada, grande parte das que possuem são as jovens, solteiras e sem filhos, levando as mulheres casadas e com filhos a buscarem uma alternativa pela qual possam contribuir no sustento familiar, ingressando assim, no trabalho informal e aceitando por muitas vezes uma remuneração inferior mesmo que tenha que trabalhar por mais tempo (LIMA, 2009; CARVALHO, SILVA, 2015)

Devido aos fatores citados acima as mulheres passam a trabalhar em seus domicílios, muitas vezes juntamente com os membros da família, exercendo atividades

informais/clandestinas de fabrico ou facções de forma terceirizada, sem direitos e benefícios trabalhistas, baseadas apenas no acordo verbal, com o cumprimento dos prazos dentro das exigências estabelecidas, mantendo as características originais deste ramo de atividade (LIMA, 2009).

As mulheres que trabalham com confecção no polo de confecções do agreste possuem características comuns a essas citadas. Entre as trabalhadoras formais predomina a faixa etária de 26 a 35 anos. Já as trabalhadoras informais possuem entre 41 e 45 anos de idade, muitas destas são casadas e mães (LIMA, 2009), possuem baixo nível de escolaridade (ensino fundamental incompleto), suas famílias são formadas, em sua maioria, por mulheres. Dos membros da família, muitos trabalham com confecção, possuem carga horária extensa, sendo esta a maior dificuldade encontrada pelas costureiras, que, em seu tempo livre, ainda se ocupam com os afazeres domésticos (CARVALHO, SILVA, 2015).

Devido a todos os fatores citados com relação à posição da mulher diante da necessidade de ser profissional e mantenedora, é perceptível a necessidade de ajuste no padrão de comportamento e no esforço necessário para alcançar os seus objetivos, sabendo que cada indivíduo possui um limite de energia para adaptar-se a situações adversas, levando ao estresse quando este limite é esgotado. É sobre esse esgotamento que falaremos na próxima seção.

2.3 ESTRESSE: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E FORMAS DE ENFRENTAMENTO

Nesta seção, veremos o conceito de estresse estresse, como este acontece no ambiente de trabalho, e quais os principais fatores, e quais as estratégias utilizadas como formas de enfrentamento.

2.3.1 Conceito de estresse

Os termos estresse (português) ou stress (inglês) são originados do latim *stringere* que significa espremer. A palavra *stress* já constava no vocabulário anglo-saxônico desde o século XVII, quando era empregada para descrever ‘adversidade’ ou ‘aflição’” (MARRAS, VELOSO, 2012).

Historicamente, o termo foi usado pela primeira vez em 1926 por Hans Selye, médico endocrinologista, nascido na antiga Olivença (SEGANTIN; MAIA, 2007), que definia o estresse como todo esforço para adaptação (CARVALHO; SERAFIM, 2002). Neste sentido, o estresse pode ser definido como

o ponto em que o indivíduo não consegue controlar seus conflitos internos, gerando um excesso de energia, originando, conseqüentemente, fadiga, cansaço, tristeza, euforia etc. Seu complexo orgânico sofre alterações diante das transformações químicas ocorridas deste estado emocional (CARVALHO; SERAFIM, 2002, p.125).

O estresse apresenta algumas características, a primeira delas é quanto aos tipos e suas delimitações, sendo os mais conhecidos, o estresse por sobrecarga e o por monotonia, podendo ser eles crônicos ou agudos. Os sintomas no estresse crônico pode perdurar por mais tempo, e o agudo, dura alguns minutos ou poucos dias (ARALDI-FAVASSA, ARMILIATO, KALININE, 2005).

Dentre esses, os mais comuns são o estresse de sobrecarga e de monotonia, tipos mais comuns nas grandes cidades, porém o mais estudado quando se refere à gestão e ao ambiente de trabalho é o estresse por sobrecarga, e se faz importante lembrar que o estresse de sobrecarga e o estresse de monotonia apresentam sintomas semelhantes, diferenciado apenas pela pressão sofrida pelo indivíduo (MARRAS; VELOSO, 2012).

Outra característica do estresse está relacionada aos seus fatores, que podem ser internos e externos, necessitando assim de controle em relação aos fatores externos para que estes não causem alterações no estado emocional do indivíduo. Sobre esses motivos, Carvalho e Serafim (2002) nos apontam as causas:

Fatores externos temos: seu meio ambiente, seu tipo de vida, condições familiares, a escolha e o local de trabalho, tempo que permanece nele, tarefas que lhes são atribuídas, além dos problemas em relação à locomoção, por exemplo, tempo, tipo, qualidade, problemas ocasionais. Quanto aos **fatores internos**, podemos citar a relação do indivíduo com o meio em que vive, como enfrenta as dificuldades e mudanças no trabalho, suas limitações etc (CARVALHO; SERAFIM, 2002, p. 125. Grifo nosso).

Os sintomas do estresse aparecem de forma diferente em cada indivíduo, uns podem apresentar mais e outros menos, estes sintomas podem ser: sinais de cansaço, perturbação, pigarro, aceleração dos batimentos cardíacos, perda de memória, dores de cabeça intensas, hipertensão, dores na coluna, dentre inúmeros outros. (SEGANTIN; MAIA, 2007)

O estresse não surge de forma repentina, mas de forma gradual de acordo como as coisas vão acontecendo no meio em que se vive. Este apresenta três fases que facilitam a

identificação do estresse no indivíduo. A primeira fase é a fase de alarme, ou seja, a fase em que a pessoa ainda não percebe o que está acontecendo com ela, porém, já se iniciam alguns sintomas, como agressividade, mau humor e inquietude. É nesta fase que deve acontecer a conscientização para que o corpo reaja e volte ao ritmo normal. A segunda fase é a fase de resistência, que é quando se dá a adaptação à nova situação do corpo e “se processa de dois modos básicos: sintóxico (tolerância e aceitação) e catotóxica (contra, não aceitação). Isto ocorre quando a pessoa tenta se adaptar à nova situação, restabelecendo o equilíbrio interno” (SEGANTIN; MAIA, 2007, p. 17). A terceira e última fase é a fase da exaustão, é quando o corpo já se tornou cansado de toda a situação e suas defesas já enfraqueceram, surgindo nesta fase o aparecimento de doenças e alterações psíquicas (CARVALHO; SERAFIM, 2002; SEGANTIN; MAIA, 2007).

2.3.2 Estresse Ocupacional

O ambiente de trabalho é um grande causador de estresse, por isto se estuda o estresse ocupacional, pois neste ambiente, muitas são as situações que acontecem que levam o indivíduo a uma sobrecarga de emoções e sentimentos que o deixam fora de si, sejam elas com a chefia, entre os colegas ou até mesmo no espaço físico em relação às instalações do ambiente de trabalho (CHIAVENATO, 2008). Entende-se estresse ocupacional “como um conjunto de perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico, associado às experiências de trabalho” (PARAGUAY, 1990, p. 40).

Esta síndrome foi importante para o desenvolvimento das sociedades, pois as levou a não permanecerem como estavam, saindo de seu *status quo*, para viverem de forma diferente e melhor, o que não é diferente na sociedade atual onde a era globalizada e produtiva que tornam o cidadão um ser universal, aumentando assim, o nível de exigência por parte das organizações. O indivíduo vive pressionado a realizar todas as atividades a ele imposta, dentro dos prazos exigidos, muitas vezes levando-o a apresentar sinais de esgotamento. A busca desenfreada pelo crescimento profissional poderá levar a problemas emocionais devido à grande pressão exercida sobre ele.

Todo esforço para a adaptação que não se efetiva, resulta em sobrecarga, causa confusão psicológica e apresenta sinais, tais como: falta de interesse ao realizar as atividades, ansiedade etc. e apresentam manifestações físicas, tais como: infarto, câncer etc (CARVALHO; SERAFIM, 2002). Quanto maior suas responsabilidades e poder de decisão, o

indivíduo estará mais suscetível a desenvolver o estresse ocupacional. “O estresse envolve aspectos de desgaste emocional e físico, mas o ritmo de vida do mundo contemporâneo parece ser o principal responsável por esta síndrome” (CARVALHO; SERAFIM, 2002, p.124).

Todo trabalho que é realizado é primordial ao ser humano, toma grande parte do nosso tempo, trazendo com ele momentos satisfatórios ou não, tais como: o aumento do volume de trabalho, incompreensão por parte da chefia, entre tantas outras coisas que favorecem o indivíduo a um estado de estresse que o faz cada vez mais improdutivo e insatisfeito com o trabalho realizado. As principais causas do estresse ocupacional pode-se apresentar de diversas formas, conforme exposto na Tabela 2:

Tabela 2: Fatores estressores

Fatores	Características
A baixa resistência à frustração	São indivíduos que se aborrecem facilmente quando suas solicitações não são atendidas, modificando suas atitudes devido ao não atendimento de seu pedido
Ameaças constantes	Indivíduos que devido as grandes ameaças do grupo rejeita mudanças com medo de errar e evitar maiores problemas
Competitividade	Com o desejo constante de crescimento profissional, é possível que uma pessoa deseje o mesmo que outra dentro do ambiente de trabalho
Falta de tempo para si	A má organização do tempo entre suas tarefas, levando ao mau aproveitamento do dia
Ansiedade constante	A grande sensação de que as coisas sempre darão errado, levando o indivíduo a um comportamento de aflição constante e sensação de perigo
Baixa estima	Indivíduos com dificuldade de lidar com pressões e tornam-se frágeis psicologicamente, afetando o trabalho, a família e o meio social
Estresse de final de carreira	A não aceitação que sua carreira chegou ao fim e que a substituição por alguém mais jovem e também capaz será inevitável

Fonte: adaptado de Carvalho e Serafim, 2002

Em relação aos fatores desencadeadores do estresse ocupacional, as principais fontes são: “fatores ambientais: ruído, iluminação, temperatura, ventilação em níveis ou limites inadequados” (PARAGUAY, 1990, p. 40) e os fatores organizacionais: que são o

envolvimento e participações no trabalho, suportes organizacionais (estilo de supervisão, apoio gerencial, esquemas organizacionais, planos de carreira), organização do trabalho, ritmo de produção e de trabalho, das pressões temporais, do significado do trabalho, da natureza das tarefas (PARAGUAY, 1990, p. 40)

Esses desencadeadores geram as seguintes consequências: aumento do volume de trabalho, conflitos diários no ambiente de trabalho entre subordinado e chefe e vice-versa, falta de controle das situações, pressões no trabalho, ambiente desfavorável, função inadequada ao indivíduo etc.

Com base no que vimos, a próxima seção trata as formas que os indivíduos encontram para enfrentar o estresse.

2.3.3 Enfrentamento do estresse

Devido ao estresse ocupacional, se faz necessário que o indivíduo saiba como lidar com essa situação no ambiente de trabalho e fora dele também, com isso surgem formas de enfrentamento quanto ao estresse ou *coping* como é atualmente chamado. O *coping* segundo Tamayo e Tróccoli (2002) é uma transação pessoa-ambiente que surge da necessidade de enfrentar uma situação estressora. Tamayo e Tróccoli (2002), apresenta o *coping* como um processo para resolução das dificuldades apresentadas ao indivíduo e das demandas exigidas para o ajustamento do organismo.

O indivíduo se vê na necessidade de lidar com as ameaças, e isso pode se dar através de duas estratégias que, segundo Calderero, Miasso, Corradi-Webster (2008), podem ser concentradas no problema ou concentradas na emoção.

A estratégia voltada para o problema acontece quando o indivíduo procura meios para enfrentar o fator estressor e resolvê-lo, livrando-se assim, deste problema e, com isso, busca meios para que essa estratégia aja por confronto direto ou confronto indireto.

As estratégias de confronto direto acontece, quando se buscam meios para que esta situação estressora deixe de existir, com isso, “algumas ações que podem ser utilizadas são conversar sobre o ocorrido; buscar informações sobre a situação; pedir orientações ou procurar especialistas; negociar alternativas possíveis” (CALDERERO; MIASSO;

CORRADI-WEBSTER, 2008, p. 52). As estratégias de confronto indireto são as que buscam meios de amenizar o estresse que está sendo causado, com isso busca “realizar atividades esportivas ou filantrópicas; utilizar da racionalização para dar explicações sobre o ocorrido, dentre outras” (CALDERERO; MIASSO; CORRADI-WEBSTER, 2008, p. 53).

Quando a estratégia é concentrada na emoção, “o indivíduo utiliza estratégias emocionais ou cognitivas que mudam a maneira de ver a situação estressante, afastando-se do problema e procurando evitá-lo” (CALDERERO; MIASSO; CORRADI-WEBSTER, 2008, p. 53). Essas estratégias emocionais são utilizadas quando a pessoa percebe que não pode retirar o fator/ameaça que tanto lhe incomoda, com isso se utiliza desse meio para aprender a lidar com a situação (TAMAYO, TRÓCCOLI, 2002).

Com tudo o que foi exposto no capítulo do referencial teórico, o debate teórico bibliográfico se deu a partir dos autores, conforme a Tabela 3, a seguir.

Tabela 3: síntese dos autores

TEMAS	DEBATE TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICO
ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CONFECÇÕES NO AGRESTE PERNAMBUCANO	Beltrão (2003); Burnett (2013, 2014); Gomes (2002); Heleno (2013); Leite (2004); Pereira Neto (2011); Vêras de Oliveira (2013); Zanatta (2014, 2016);
TRABALHO FEMININO	Bezerra (2001); Bruchini (2007); Bruchini, lombardi (2001/02); Carvalho, Silva (2015); Chies (2010); Lima (2009); Madalozzo, Martins, Shiatore (2010); Soares, Sabóia (2007)
ESTRESSE: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E FORMAS DE ENFRENTAMENTO	Araldi-Favassa, Armiliato, Kalinine (2005); Calderero, Miasso, Corradi-Webster (2008); Carvalho, Serafim (2002); Chiavenato (2008); Marras, Veloso (2012); Paraguay (1990); Segantin, Maia (2007); Tamayo, Tróccoli (2002)

Fonte: autoria própria, 2017

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo veremos os métodos e os meios utilizados para realização da pesquisa para este estudo.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Este trabalho tem o objetivo de analisar a percepção das costureiras sobre os fatores estressores em seu cotidiano de trabalho, considerando que enfrentam a dupla jornada. Este foco se volta para um estudo de natureza qualitativa. E sobre isso Minayo (2009) comenta:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2009, p. 21)

A pesquisa é definida a partir de dois critérios: quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins se pode afirmar que esta é descritiva e explicativa, que segundo Vergara (2000), a pesquisa descritiva tem por objetivo expor “características de determinada população ou de determinado fenômeno” (VERGARA, 2000, p. 47). Já a pesquisa explicativa, ainda segundo Vergara (2000), se propõe a “esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno” (VERGARA, 2000, p. 47).

Quanto aos meios, esta será uma pesquisa de campo, voltada ao ambiente onde ocorre o fenômeno estudado, visando à obtenção de elementos que ajudem a explicá-lo (VERGARA, 2000).

3.2 SELEÇÃO DAS PESQUISADAS

O campo de pesquisa utilizado neste trabalho se voltou para as unidades produtivas formais e informais (fábrica e fabrico) localizados no bairro do Salgado em Caruaru-PE, o bairro mais populoso entre os bairros de Caruaru, abriga muitos habitante de baixa renda, e com um alto nível de desempregados, tendo como forma de comercio o apoio a indústria do vestuário, principalmente a produção para a sulanca. As pesquisadas selecionadas para este estudo foram seis costureiras, que trabalham nestas unidades produtivas. Para tanto, adotou-se o critério da intencionalidade e de acessibilidade, com a estratégia complementar de bola de neve, sendo duas de unidade produtiva formal e quatro de unidade produtiva informal.

Sobre o critério de intencionalidade, Gil (2008) afirma que “constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda uma população” (GIL, 2008, p. 94).

O critério de acessibilidade se dá pelo fato da facilidade da pesquisadora ter acesso às informações “admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (GIL, 2008, p. 94), complementando a forma de acesso com a técnica de *snow ball* ou bola de neve, onde um entrevistado indica outros sujeitos (VERGARA, 2009).

3.3 PLANO DE PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

Neste estudo, as técnicas utilizadas para a produção do material empírico foram as entrevista semiestruturada e a observação direta.

A entrevista semiestruturada é a que permite mudança em suas perguntas, dando um caráter de abertura, levando o pesquisador a recompor seu roteiro quando necessário para que possa enriquecer de detalhes sua pesquisa (VERGARA, 2009).

Por sua vez, a observação direta leva o pesquisador a coletar dados atualizados com base em sua observação no local estudado e serve para confirmação ou revelar algo que fugiu das informações obtidas através das entrevistas (VERGARA, 2009).

Considerando os pontos apresentados sobre a entrevista semiestruturada e a observação direta, a utilização destas técnicas de pesquisa foi importante na medida em que orientaram a interação com as entrevistadas e a visualização do ambiente de trabalho das mesmas. O contato com o campo aconteceu em duas fases: a primeira fase, de cunho exploratório, visou à elaboração do problema de pesquisa. Na ocasião, foi usada a entrevista semiestruturada (vide Apêndice A) e ocorreu nos dias 26/03/2017 e 04/04/2017. A segunda fase, através de observação direta (vide Apêndice B) no ambiente da fábrica e do fabrico e, em seguida, entrevistas semiestruturadas com costureiras (vide Apêndice C) nos dias 20 e 22/06/2017.

As entrevistas e a observação direta tiveram como objetivo a produção do material empírico para a análise do campo.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

Como já citado, as técnicas para produção do material empírico, neste estudo, foram as entrevistas e a observação direta. As primeiras foram analisadas com base na análise do conteúdo, de modo a esclarecer as questões fundamentais deste estudo.

Sobre a análise do conteúdo, Moraes (1999) afirma:

“A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 2)

Esta análise foi realizada, reforçando a importância de todo o contexto, com isso, as entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise considerando os objetivos do estudo. Após as transcrições e antes da análise propriamente dita foi feita uma sistematização das entrevistas, com base nos temas estudados, divididos em subtemas, inserindo as citações das entrevistadas para posterior diálogo com o referencial teórico (vide Apêndice D).

Na Tabela 4, a seguir, apresentamos a síntese das etapas da pesquisa de campo que foram utilizadas no auxílio para respondermos aos objetivos específicos desta pesquisa.

Tabela 4: síntese das etapas da pesquisa de campo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ETAPAS	SELEÇÃO DAS ENTREVISTADAS	INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO
Caracterizar a dupla jornada de trabalho de costureiras do Polo de Confecções do Agreste	Análise da rotina das costureiras	Seis costureiras, sendo quatro da unidade informal e duas de unidade formal. Critérios de Seleção: intencionalidade, acessibilidade e estratégia bola de neve.	Observação direta em fábrica e fabrico. Entrevista semiestruturada (1ª Fase - Etapa exploratória - e 2ª Fase)
Identificar os principais fatores estressores relacionados ao trabalho das costureiras, chamando a atenção para a dupla jornada	Relação da dupla jornada com os fatores estressores		
Verificar as alternativas de enfrentamento acionadas frente à pressão dos fatores estressores.	Identificação das formas de enfrentamento		

Fonte: autoria própria, 2017

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nas seções seguintes trataremos das características das mulheres costureiras que estão envolvidas no processo de produção da confecção, inseridas em unidades produtivas formais e informais, que também serão caracterizadas neste capítulo.

4.1. PERFIL DAS TRABALHADORAS

O grupo de entrevistadas são mulheres que possuem idade entre 21 e 45 anos, casadas, em sua maioria, e 50% destas possuem filhos. Elas desenvolvem o trabalho na confecção, desde sua infância/adolescência como auxiliares de costura e no aprontamento das peças⁷, mas, ainda na adolescência iniciaram suas atividades na costura das peças, em unidades informais, onde também existem a presença de homens nestes locais de trabalho.

Entendemos, assim, que mesmo sendo mulheres jovens já possuem muitos anos de experiência na confecção. Exercem sua profissão em unidades produtivas formais e informais.

Com base nestes dados, A Tabela 5, a seguir, nos mostra a síntese das características pessoais das mulheres entrevistadas, como também aquelas relacionadas a sua profissão.

⁷ É a expressão utilizada na região, para as atividades que não compõem a montagem da peça, e sim, a sua finalização, como a retiradas das linhas excedentes das roupas confeccionadas, colocação de botões e outros adereços das peças e o trabalho de embalagem.

Tabela 5: Características das trabalhadoras

CARACTERÍSTICAS DAS TRABALHADORAS						
DADOS PESSOAIS				DADOS PROFISSIONAIS		
NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS	TEMPO DE EXPERIENCIA NA CONFECCÃO	CARTEIRA ASSINADA	LOCAL DE TRABALHO
Costureira 01	22	Casada	Não	7 anos	Sim	Fábrica
Costureira 02	44	Separada	Sim	23 anos	Não	Fabrico em casa
Costureira 03	21	Solteira	Não	2 anos	Não	Fabrico fora de casa
Costureira 04	45	Casada	Sim	14 anos	Não	Fabrico fora de casa
Costureira 05	24	União Estável	Sim	12 anos	Não	Fabrico fora de casa
Costureira 06	32	Casada	Não	12 anos	Sim	Fábrica

Fonte: material empírico, 2017

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES PRODUTIVAS

Nas seções seguintes veremos as características que diferenciam estes tipos de unidades produtivas (formal e informal).

4.2.1 Unidade produtiva formal

A unidade produtiva formal é um ambiente que traz alguns benefícios a seus trabalhadores, tanto fisicamente como profissionalmente. Profissionalmente, em relação aos direitos trabalhistas que lhes são garantidos, o que diferencia a unidade formal da informal, como relata a Costureira 03:

[...] gosto muito de costurar, mas a questão de não ser um lugar registrado, não ter tantos direitos (**a gente não tem tanto direito**), [...]. Não tem 13º, não tem férias, então é o ano todinho assim, férias só tem quando não tem peça. Mas pra quem trabalha em empresa tem o lado positivo (Costureira 03, entrevista em 20.06.17. Grifo da entrevistada).

No relato acima, podemos observar que o trabalho das costureiras com vínculo formal traz benefícios por estarem regularizadas, com carteira assinada, em unidade produtiva também formal, cadastrada junto à Receita Federal, possuindo o CNPJ (ZANATTA, 2016). De outro lado, a Costureira 03 destaca a vulnerabilidade do trabalho informal, por não ter acesso aos direitos de um trabalhador, em relação às férias, 13º salário, e por também não possuir estabilidade financeira.

Em relação aos benefícios físicos, e com base na observação direta realizada a uma fábrica, localizada na cidade de Caruaru, a estrutura do ambiente possui uma forma estratégica de iluminação, para que todas as máquinas e costureiras possam ser atendidas de forma eficiente, como afirma a Costureira 01: *“é bem iluminado, cada máquina uma lâmpada, [...] e na máquina de travete também tem uma luzinha específica lá pra ela mesmo, é iluminado, e ventilado”* (Costureira 01, entrevista em 26.03.17). O ambiente é amplo, facilitando a locomoção dos trabalhadores, a alocação das máquinas e das peças não deixando o ambiente desorganizado. Quanto à temperatura do ambiente de trabalho, podemos dizer que é arejado por possuir uma grande janela na área de produção e também ventiladores. Sua estrutura ainda fornece água, banheiro e armário individual para que os trabalhadores guardem seus pertences.

Estes trabalhadores se utilizam de equipamentos de proteção individual (EPI), evitando que inalem muita poeira e resquícios dos tecidos, porém, ergonomicamente, eles não possuem cadeiras ergonômicas para sua função e passam muito tempo exercendo atividade repetitiva por muitas horas, principalmente nos períodos sazonais, que são os momentos com elevados picos de produção, nos períodos que antecedem o inverno e o natal, requerendo um esforço maior (NEVES; PEDROSA, 2007; ZANATTA, 2014), o que pode levá-los a sentirem dores, como relata a Costureira 01: *“[...] É cansativo demais, as pernas, dói tudo”* (Costureira 01, entrevista em 26.03.17).

Na forma de produção, existe um planejamento, porém não exclui a pressão, mas, de forma menos intensiva do que na unidade informal, como cita a Costureira 01: *“[...] ela cobra um pouco, mas cobra, não é feito eu trabalhei em Fulano, que era um gerente que queria que eu fizesse as peças cronometradas ali, naquele tempo que ele dissesse [...]”* (Costureira 01, entrevista em 26.03.17)

Abaixo, na Figura 5, veremos uma estrutura de unidade produtiva formal:

Figura 5: Unidade produtiva formal



Fonte: material empírico, 2017

Conforme a figura 5, podemos perceber que as instalações de sua estrutura apresentam uma melhor tecnologia, qualificando o ambiente de trabalho em relação a unidade produtiva informal, como veremos a seguir.

4.2.2 Unidade produtiva informal

As unidades informais mantêm os padrões iniciais, funcionam em pequenos galpões ou na própria casa, tornando o espaço para a produção um lugar pequeno, onde a produção ainda é realizada em sua maioria pelo membros da família (ZANATTA, 2014, 2016; HELENO, 2013; BURNETT, 2013), ou como “se fossem da família”, segundo a Costureira 05: “*é tipo família porque eu sempre conheci a patroa...*” (Costureira 05, entrevista em 20.06.17).

Diferente das fabricas, os fabricos não possuem estruturas planejadas, estes apresentam baixa ventilação e iluminação, como citado pela Costureira 02: “*ventilado, mais ou menos, porque como é mais baixo não tem aquela ventilação toda, mas dá pra trabalhar. A*

gente não pode trabalhar com ventilador por causa da linha, principalmente da interlock porque senão quebra, mas a iluminação não tá boa não” (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

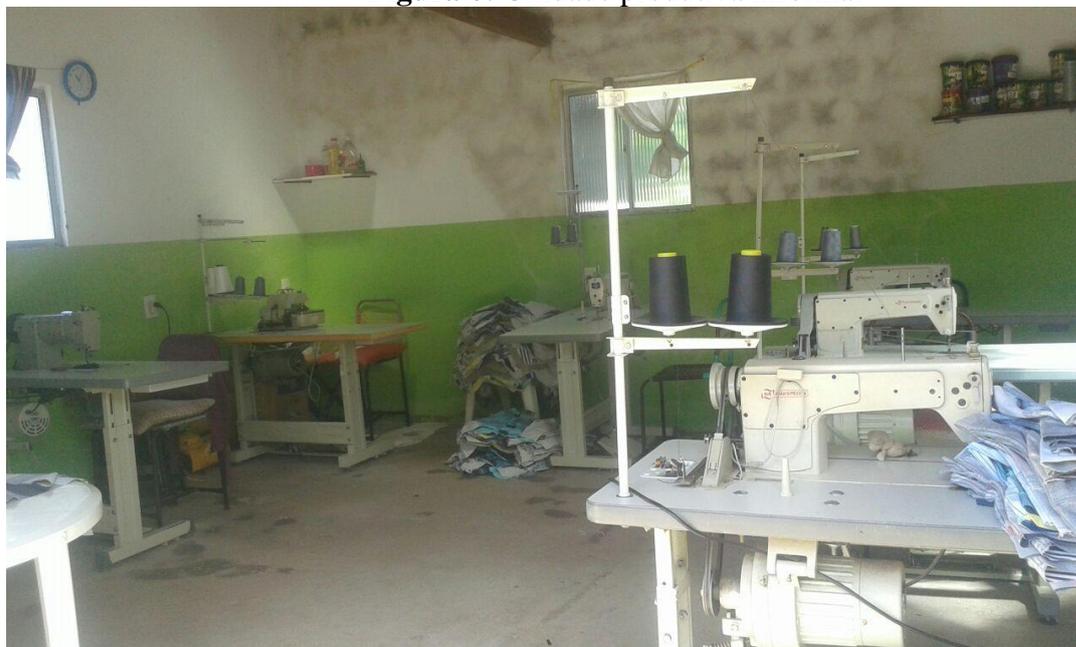
As condições físicas dos fabricos, em sua maioria, não fornecem comodidade para os trabalhadores exercerem a função, mas, igualmente às fabricas, os fabricos não possuem estruturas ergonômicas.

Uma diferença entre os fabricos e as fábricas está nos relacionamentos entre colegas de trabalho e chefia, pois como apresentado, o ambiente nas fábricas é mais conflituoso, já nas unidades informais, por serem compostas por membros da família, o ambiente é mais pacífico, porém não impedindo os possíveis conflitos, como relata a Costureira 03: *“é porque assim, a maioria ali é primo, tio, esposa do meu tio, ai já é família, ai você já cresceu naquele ambiente com aquelas pessoas, então é tranquilo”* (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

Por outro lado, a forma de produção é mais imprevisível e árdua, como explica a Costureira 02: *“[...] a mulher coloca 100 peças hoje e se ela disser: ‘eu quero pra amanhã tal hora’, então pronto, a gente tem que ver, rebolar e entregar naquela hora que ela quer [...]”* (Costureira 02, entrevista em 04.04.17)

Na figura abaixo (Figura 6) vemos uma estrutura de unidade produtiva informal.

Figura 6: Unidade produtiva informal



Fonte: material empírico, 2017

Apresentaremos, nas próximas seções, os resultados referentes aos objetivos específicos propostos, quer sejam: a) Caracterizar a dupla jornada de trabalho de costureiras do Polo de Confeções do Agreste; b) identificar os principais fatores estressores relacionados ao trabalho das costureiras, chamando a atenção para a dupla jornada; e c) verificar as alternativas de enfrentamento acionadas frente à pressão dos fatores estressores.

4.3 CARACTERIZANDO A DUPLA JORNADA

As mulheres entrevistadas trabalham na confecção desde tenra idade para que possam ter sua própria renda e até mesmo ajudar com as despesas familiares e isso é visto durante suas falas nas entrevistas. Como relata de forma enfática a Costureira 05: *“Eu comecei tinha 12 anos por aí”* (Costureira 05, entrevista em 20.06.17). *“É pra pagar as despesas né, dividido com meu esposo”* (Costureira 06, entrevista em 22.06.17).

Todas as outras também comentam que começaram ainda pequenas e exerciam o papel de auxiliares de produção, realizando também o aprontamento⁸ das peças, sendo ensinadas por pessoas próximas, sejam primas, amigas etc, ou até mesmo aprendendo no próprio local de trabalho, de modo intuitivo, sem um treinamento formal. Os depoimentos, abaixo, ilustram o modo como se inseriram na atividade de confecção e foram aprendendo o trabalho:

“Aprendi um pouquinho com a minha prima, depois eu fui trabalhar numa facção, aí comecei a aprender a chulear⁹ e vim mesmo a aprender a praticar nessa facção que eu estou aqui do lado” (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

“Aprendi sozinha, olhando os outros fazendo, aí na hora do lanche eu ia me furar, ia aprender e errava acertava, errava, acertava” (Costureira 01, entrevista em 21.06.17).

“Estava desempregada aí procurei uma amiga minha e ela me ensinou, aí eu comecei, eu aprendi” (Costureira 04, entrevista em 20.06.17).

“Eu aprendi com uma colega minha” (Costureira 06, entrevista em 22.06.17).

Uma destas trabalhadoras ainda continua na unidade informal, com sede na própria residência, causando um desgaste na trabalhadora (BURNETT, 2014), pois além de serem profissionais, estas mulheres exercem o papel de dona de casa, que também é uma atividade que se inicia precocemente, principalmente para as meninas, pois foram educadas assim por

⁸ Aprontamento é realizar empacotamento das peças, retirada de pelos, etc

⁹ Chulear é realizar acabamento no tecido para que ele não desfie.

seus familiares (CHIES, 2010), desde muito cedo: Uma das entrevistadas relata isto: “*ah, desde pequena que eu faço as coisas de casa*” (Costureira 06, entrevista em 22.06.17). As “coisas” se referem aos vários tipos de afazeres domésticos, que incluem as atividades de limpar a casa, lavar roupas e louças, cozinhar etc (SOARES, SABÓIA, 2007), vivenciadas também pela Costureira 01:

De manhã, minha rotina mudou de uns tempos para cá, porque eu acordo, aí vou fazer as coisas do almoço quando fica pra assar uma carne, uma coisa assim, um peixe, fazer um suco... preparo o café dele [do esposo], enquanto isso, enquanto tá as coisas no fogo eu vou estudar a lição, aí eu estudo a lição, oro, pronto, me arrumo e vou trabalhar (Costureira 01, entrevista em 26.03.17).

Devido a toda necessidade de se revezarem entre as tarefas de casa, as da confecção e ainda suas atividades pessoais, devocionais, elas precisam acordar mais cedo, usar o período do almoço ou realizar essas atividades quando chegam do trabalho no período da noite, de acordo com a forma que cada uma se organiza, demandando muito tempo do seu dia para os afazeres domésticos. Vejamos os relatos: “*faço o almoço, as coisas, vou trabalhar e quando chego é que faço as coisas de novo de casa*” (Costureira 05, entrevista em 20.06.17); “*eu faço à noite as coisas quando eu chego*” (Costureira 06, entrevista em 22.06.17), “*acho que umas 3h, fazer almoço e tudo mais*” (Costureira 01, entrevista em 21.06.17). As que são mães, ainda tiram tempo para cuidar dos filhos (BRUSCHINI, 2007; LIMA, 2009).

Esta situação vem à tona no depoimento da Costureira 02, que é mãe de seis filhos, porém, mora apenas com três, sendo dois menores de idade e ainda tem sua unidade produtiva em casa.

[...] me acordo, vou tomar banho, quando tem costura eu corro para as costuras, não tomo café nem nada, corro direto, quando é mais ou menos umas 8h p 9h eu desço para dar café a Davi que ele estuda a tarde e Deivid já vai para a escola de manhã, e subo de novo e quando é mais ou menos umas 11h, 11h30m, eu desço, cuidar em alguma coisa pra almoço e fico nessa, subo de novo, faço o almoço bem ligeiro, não almoço, engulo e corro pra lá de novo [...] (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

Os afazeres domésticos aliados ao trabalho na confecção tornam a rotina ainda mais agitada, e principalmente quando as mulheres ainda precisam dedicar tempo aos filhos menores (BRUSCHINI, 2007; LIMA, 2009).

No ambiente profissional, iniciam suas atividades em unidades produtivas informais, aspecto que é favorecido pelo fato de começarem com pouca idade, ficando à margem do

emprego formal. O ambiente informal é muito caracterizado pela familiaridade entre os componentes da confecção.

Na unidade produtiva informal, o local de trabalho pode ser no domicílio e não existe uma separação entre as duas atividades (trabalho domiciliar e trabalho na confecção), deixando a trabalhadora mais vulnerável a exercer as duas atividades ao mesmo tempo, pois o trabalho doméstico não é um trabalho contabilizado socialmente (BEZERRA, 2001). E devido à necessidade de manter financeiramente a família se submetem a grande jornada de trabalho:

[...] quando você trabalha em casa, a costura não dá tempo para você, não sobra tempo, não deixa sobrar porque você sabe que tem aquilo pra fazer, se você vai fazer, sabe que vai ganhar, quanto mais você faz na produção, mais você vai ganhar, ai fica difícil você dizer não. Vou tirar esse dia pra fazer faxina na casa, não, ai sobra para o final de semana, se der. Se não der... [...] quando eu trabalhava em casa era mais cansativo ainda porque se tiver costura já me acordava de manhã e ia direto pra máquina e como eu estava em casa fechava as portas e trabalhava até 0h, terminava ia dormir, 6h me levantava, os meninos estavam dormindo, eu ia pra máquina, então é muito cansativo [...] (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

Em relação à jornada de trabalho que exercem, a que trabalha ao lado de casa, não possui jornada de trabalho definida, sua produção depende da quantidade de peças que ela tenha pra costura, como visto na seção 4.3.

As mulheres que trabalham em fabricos fora de casa, possuem um horário definido para o trabalho, 8h30min, possuem intervalo durante a produção, porém, quando a produção acaba, são mandadas para casa, é o que acontece com as Costureiras 03, 04, 05, ambas trabalham na mesma unidade produtiva. *“A gente começa lá 7h30m, ai tem o horário do lanche, a gente para por volta de 11h30m, as vezes a gente sai 12h, dependendo, se tiver pouquinho pra terminar a gente sai 12h se não sai 11h30m, 1h30m de almoço até 13h e sai de 17h30m”* (Costureira 03, entrevista em 20.06.17). Quando necessário em períodos sazonais junho/dezembro estas realizam hora extra, porém devido à baixa de produtividade as horas extras não estão sendo necessárias. *“Nessa crise mesmo, a gente não fez nenhuma hora extra, esse mês nenhuma, porque a gente nem tá trabalhando uma semana toda, mas quando tem a gente faz hora extra, trabalha a noite ou diminui o horário de almoço, alguma coisa e trabalha”* (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

Em contrapartida as que trabalham de carteira assinada, também possuem carga horária definida, 9h por dia, com pausa para lanche ou descanso de 10min, e poucas vezes é necessário fazer hora extra mesmo no período de sazonalidade. *“Chego as 7h, tem intervalo, de 9h até 9h10m. O almoço, uma hora, de 12h as 13h, e de tarde também tem a hora do*

lanche que é de 15h a 15h10m, 10min de manhã e 10min de tarde, e largo de 17h” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17). *“faz umas horinhas extra, mas é difícil”* (Costureira 06, entrevista em 22.06.17).

Mesmo com toda a rotina entre afazeres domésticos e costura, a confecção é uma atividade muito exercida pelas mulheres (LIMA, 2009), e quando se é a provedora do lar, o trabalho profissional se torna ainda mais importante, pois depende totalmente da profissão para manter a casa e os filhos. A Costureira 02 relata o quanto é difícil ser provedora do lar e ter que dividir suas atividades entre casa e trabalho: *“sou eu sozinha, não tenho ajuda de ninguém, sozinha e Deus, me virando, [...] É que nem aquele ditado: ‘uma andorinha só não faz verão’. Aí fica difícil”* (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

Por ser a única atividade que sabem fazer e poder suprir suas necessidades financeiras, as costureiras iniciam na costura e permanecem na costura, mesmo não sendo um trabalho que lhes dê prazer, apesar das Costureiras 02 e 03 afirmarem que gostam da profissão:

“Eu gosto de costurar, só que não é o que eu quero para mim, porque eu estudei e fiz curso, só que na área que eu quero no momento não tá muito bom. Já botei currículo em vários lugares e não tem. Gosto muito de costurar” (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

“Sou satisfeita porque eu gosto de costurar e não porque é muito cansativo, tem horas que eu fico, meu Deus, eu queria tanto arrumar um trabalho que não fosse tão cansativo” (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

O fato de não saberem outra atividade, é o motivo pelo qual ainda não mudaram de profissão, mas o desejo de mudança é muito grande, conforme os relatos: *“[...] Eu não tenho outra profissão, eu não tenho outra especialização [...]”* (Costureira 01, entrevista em 26.03.17). *“[...] Mas eu só sei costurar, eu não sei fazer outra coisa [...]”* (Costureira 02, entrevista em 04.04.17). Porém, não pretendem exercer essa profissão no futuro, querendo exercer algo menos cansativo e que lhes dê satisfação, conforme uma delas afirma: *“[...] no futuro eu não penso em ser costureira não”* (Costureira 05, entrevista em 20.06.17).

Com o que foi exposto, entendemos que as mulheres são inseridas muito cedo na atividade da confecção, a partir do ambiente familiar, em unidades produtivas informais, exercendo carga horária intensa, associada aos afazeres doméstico e criação de filhos, porém, apenas devido à necessidade estas se expõem a realizarem esta dupla jornada.

Em relação aos afazeres domésticos, estes envolvem: limpar a casa, fazer almoço, lavar roupas e louça, entres outras atividades, agregados ao cuidado dos filhos, que demanda um tempo maior para suas necessidades e educação.

Quanto ao trabalho na confecção, elas possuem carga horária que giram em torno de 8 ou 9h por dia, realizando atividades repetitivas e intensas, porém as que trabalham em fábrica possuem uma melhor estrutura física para o trabalho, quando comparada a dos fabricos. Em relação à iluminação e ventilação, o ruído é comum em ambas quanto ao barulho das máquinas.

4.4 PRINCIPAIS FATORES ESTRESSORES ENTRE AS COSTUREIRAS

Percebemos que estas mulheres por terem o trabalho intensificado em função da dupla jornada, passam por um descontrole psíquico, onde estas não conseguem controlar seus conflitos internos, devido à sobrecarga imposta a elas, passando a não conseguirem dividir as atividades domésticas e profissional, conforme destacado no estudo de Carvalho e Serafim (2002). Vejamos os relatos: *“eu já vou dormir com os problema tudo na cabeça [...]”* (Costureira 02, entrevista em 04.04.17), *“Já acordo fazendo almoço, tudo [...]”* (Costureira 04, entrevista em 20.06.17).

As mulheres que trabalham em fabricos, mais voltadas ao ambiente familiar (BURNETT, 2014), convivem com membros da família em seu ambiente profissional e com isso não se dão conta do ambiente estressor em que são submetidas. *“É tipo família porque eu sempre conheci a patroa...”* (Costureira 05, entrevista em 20.06.17), *“É, um ambiente familiar, de vez em quando a gente se estressa, mas é um estresse de família já, num instante se entende”* (Costureira 03, entrevista em 20.06.17). Isto dificulta a percepção do trabalho na costura como algo penoso, cansativo. Os vínculos de proximidade (informais) funcionam como elemento que camufla os fatores estressores.

Para as costureiras que trabalham sem carteira assinada, ainda existe o fator da instabilidade financeira, pelo fato de não possuir produção em todo momento e com isso começam a surgir as dívidas, que desestabilizam a família. A Costureira 02 e 03 relatam como se dá a remuneração delas: *“é por dia, se trabalhar tem, se não trabalhar também não tem”* (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

[...] As dívidas que a gente fica fazendo durante esse mês que está ruim, fiado num canto, fiado no outro, ai só levando assim, quem tem criança. Sorte que eu não pago

aluguel aqui, porque se eu pagasse as coisas estavam mais feias do que já estão [...]. Mãe diz pra eu juntar um dinheirinho e comprar um terreno, mas quando eu vou receber, já é final de ano, tem que comprar roupa pra os meninos. Eu só compro roupa pra eles uma vez por ano que é no final de ano. Eu não tenho condição, sou eu sozinha, não tenho ajuda de ninguém, sozinha e Deus, me virando, passando esse mês apertado agora, só Jesus sabe. Mas, não tem como juntar, quando o mês está bom eu penso assim: juntar pra quando o mês tiver ruim, mas não tem como, é muita coisa. É que nem aquele ditado: “uma andorinha só não faz verão”. Aí fica difícil. (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

Ainda com toda esta instabilidade financeira, elas também não encontram tempo para cuidarem de si mesmas, tentando fazer algo para seus cuidados em pequenos horários durante a semana e não relatam ter momentos de lazer individual ou familiar, devido à sobrecarga de suas atividades e a falta de tempo. As Costureiras 01e 03 comentam sobre este ponto: “*eu não faço nada, assim, pra mim me arrumar, pra mim sair, no final de semana eu me arrumo, no final de semana, no meio da semana não tem condição não*” (Costureira 01, entrevista em 21.06.17); “*Tenho um tempo no horário da noite, faço a unha, ajeito os cabelos, vou pra academia, as vezes, eu vou de manhã, acordo cedo umas 5h30m e vou pra academia, no fim de semana também, no domingo dá uma ajeitadinha*” (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

Devido a esta sobrecarga surgem reações no organismo que fazem com que estas apresentem desmotivação para o trabalho. “[...] *todo dia acordo desmotivada, porque eu não gosto da profissão, é terrível você não gosta de uma coisa aí você se acorda, já se acorda estressada, passo o dia estressada e vai dormir estressada [...]*” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17), nos levando a entender que existe a necessidade do emprego, porém, não a realização profissional (MARRAS; VELOSO, 2012). Também surgem nestas mulheres a sensação de ansiedade constante, em tudo o que fazem, se desestabilizando emocionalmente. Os depoimentos, a seguir, retratam este aspecto: “*Tudo que eu vou fazer sou muito ansiosa*” (Costureira 05, entrevista em 22.06.17); “*Eu sou ansiosa*” (Costureira 04, entrevista em 22.06.17). O cansaço, principalmente no fim do dia é inevitável, assim também como as dores, devido a esse ritmo de trabalho exercido por essas mulheres, como enfatiza a Costureira 01: “*Cansada o tempo todo, pode colocar aí, **cansada o tempo todo** [...] É cansativo demais, as pernas, dói tudo*” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17. Grifo da autora); “*e eu tenho varizes, por mais que eu queira sair, eu preciso trabalhar*” (Costureira 04, entrevista em 20.06.17). Com isso é possível perceber os conflitos internos entre as costureiras, gerando um excesso de energia, que as deixam, cada vez, mais cansadas (SEGANTIN; MAIA, 2007).

No ambiente de trabalho elas são pressionadas para produzirem mais, sejam as que trabalham em fábrica ou não, mas, principalmente as que trabalham em fabricos, pois sua remuneração se dá através da produção, conforme já dissemos na seção 4.2.2, pois, devido à instabilidade de produção, devido à sazonalidade, estas não possuem um salário fixo para planejamento familiar.

O ambiente de trabalho também traz consigo fatores estressores no que diz respeito à estrutura de iluminação, ventilação, temperatura, ruído (PARAGUAY, 1990) e quanto a isso, existem diferenças entre as unidades produtivas. Na unidade formal, a estrutura é mais adequada, quanto a estes fatores, conforme já detalhamos na seção 4.2.1. Já na unidade produtiva informal a estrutura é diferente, causando desgaste físico nas costureiras, também já apresentado na seção 4.2.2.

Quanto ao relacionamento entre os trabalhadores e a chefia, a Costureira 01 diz que o ambiente possui “[...] *muita confusão, muito qui qui qui, muita fofoquinha*” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17), com isso podemos destacar um ambiente mais conflituoso, que gera desentendimento principalmente entre trabalhadores.

Com o exposto, notamos que muitos são os fatores estressores que aparecem durante a rotina destas costureiras, sendo estes fatores: o ambiente físico das unidades produtivas, principalmente nos fabricos, com baixa iluminação e ventilação; o relacionamento entre os colegas de profissão, a sobrecarga de atividades a serem realizadas durante o dia, causando nestas mulheres, a desmotivação, o cansaço, causando dores.

4.5 ALTERNATIVAS DE ENFRENTAMENTO

As alternativas de enfrentamento são os meios encontrados por essas mulheres de se verem livres do problema, ou amenizá-los. Como não é possível um confronto direto com o problema, pois é a única profissão que sabem fazer, com exceção da Costureira 03, que vem se especializando na área de seu interesse, para no futuro próximo, exercer outra profissão, que não exija uma rotina tão intensiva de trabalho, como apresentado na seção 4.3.

Como forma de escape, elas se utilizam da estratégia emocional para se sentirem aliviadas (TAMAYO; TRÓCCOLI, 2002), dos problemas que as perturbam, pois, se utilizam mais frequentemente do choro e também do descanso como uma forma de enfrentar os

momentos estressantes, mesmo que seja por um momento, e em seguida, continuarem exercendo suas atividades do dia a dia, como citam as Costureiras 01, 02, 04, 05 e 06:

“[...] tem dia que... eu sinto vontade de chorar, todo dia eu sinto vontade de chorar, todo dia, mas, vou fazer o que? [...]” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17).

“Tem dia que eu tô ali, se eu pudesse jogava tudo, quebrava as máquina e ia embora pra andar por ai [...]” (Costureira 02, entrevista em 04.04.17).

“Acho que quando eu tô muito nervosa eu choro muito” (Costureira 04, entrevista em 20.06.17),

“Durmo” (Costureira 05, entrevista em 20.06.17).

“Vou descansar um pouquinho, me deito lá no sofá” (Costureira 06, entrevista em 20.06.17).

A exceção fica com a Costureira 03 que prefere parar para reflexão, uma forma de confronto indireto (CALDERERO, MIASSO, CORRADI-WEBSTER, 2008):

“Paro um pouquinho e respiro fundo, não, não vai dar pra fazer tudo então eu vou ver o que é prioridade e vou fazer, o que não for, deixo pra outra hora, depois eu resolvo, se não fica doida” (Costureira 03, entrevista em 20.06.17).

Em síntese, as costureiras se utilizam da estratégia emocional como forma de escape, e com isso, elas choram, preferem dormir, deixar pra realizar as atividades depois, ou descansar por pequenos períodos antes de realizar os afazeres domésticos, depois de um dia de trabalho na confecção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um ambiente bastante produtivo, competitivo, em crescimento onde está inserido o Polo de Confeccões do Agreste, ainda existem muitos fatores a serem pensados e mudados, sendo um deles, o trabalho feminino que devido à grande jornada exercida por estas mulheres, tem cada dia mais se tornado um fardo em seus cotidianos.

Os principais resultados desta pesquisa estão relacionados com os objetivos específicos: a) Caracterizar a dupla jornada de trabalho de costureiras do Polo de Confeccões do Agreste; b) Identificar os principais fatores estressores relacionados ao trabalho das costureiras, chamando a atenção para a dupla jornada; e c) Verificar as alternativas de enfrentamento acionadas frente à pressão dos fatores estressores.

A partir da pesquisa de campo, concluímos que a necessidade de trabalhar fora de casa, faz com que as mulheres se submetam a grandes cargas horárias no trabalho e ainda trabalhem nos afazeres, de forma a manter tudo em ordem dentro de casa, e sofrendo pressões profissionais, pois precisam ser produtivas de forma eficiente. Devido a isto surge a desmotivação, como também o cansaço físico e mental, excedendo os limites estabelecidos pelo corpo de cada indivíduo; sendo estes importantes fatores estressores identificados com a pesquisa.

Buscam encontrar formas de escape, como o choro, o sono, pequenos descansos antes dos afazeres domésticos, depois de um dia de trabalho na confecção, de forma que tragam alívio frente aos fatores estressores que estão vivendo, para que possam sentir-se bem e exercerem suas atividades domésticas e profissionais de forma prazerosa e não penosa.

Diante de todo o panorama traçado, pode-se afirmar que a trabalhadora da confecção encontra-se cada vez mais sobrecarregada devido ao número de tarefas exercidas entre casa e confecção, tendo que costurar durante todo o dia, e quando estão em casa precisam se desdobrar entre limpar a casa, lavar roupa e louça, fazer almoço, cuidar dos filhos, entre outras tarefas que são necessárias em uma casa, tornando-a insatisfeita e por vezes improdutiva, por não ser possível conciliar os dois ambientes.

Com tudo que foi exposto é possível entender que as mulheres que exercem dupla jornada de trabalho se sentem exaustas e por vontade não gostariam de exercer as atividades domésticas associadas com a confecção.

Mesmo existindo muitas transformações sociais, a mulher ainda continua sendo vítima de uma sociedade que a oprime e a torna subalterna, trazendo implicações físicas e

psicológicas devido a toda essa desigualdade e pressão exercida sobre as mulheres. Com isso se encontra a necessidade da criação de políticas públicas voltadas para as mulheres que exercem dupla jornada de trabalho, para que o desgastes destas fossem minimizados.

5.1 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Em relação às sugestões para trabalhos futuros, sugere-se, estudos complementares, como:

- Investigar a naturalização do estresse no ambiente da confecção;
- Estudar a dupla jornada, incluindo outros atores da vida feminina, tais como esposo, filhos, supervisores e chefes.

REFERÊNCIAS

ARALDI-FAVASSA, Celí Teresinha; ARMILIATO, Neide; KALININE, Iouri. Aspectos filosóficos e psicológicos do estresse. **Revista de Psicologia da UnC**, vol. 2, n. 2, p. 84-92, jun. 2005.

BELTRÃO, Napoleão Eberard de Macedo. **Breve história do algodão no nordeste do Brasil**. Campina Grande: EMBRAPA, 2003.

BEZERRA, Elaine Maurício. **O trabalho a domicílio das mulheres do cariri paraibano no pólo de confecções do agreste de Pernambuco**. 150f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2011.

BURNETT, Annahid. **A “saga” dos retalheiros: um estudo sobre a instituição da feira da sulanca no agreste pernambucano**. Século XXI, revista de ciências sociais, v.3, n. 2, p. 9-40, jul./dez. 2013.

_____. Annahid. **O “ponto de mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco**. História Oral, v. 17, n. 2, p. 153-171, jul./dez. 2014.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras: Trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: pp.157-196.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572 set./dez. 2007.

CALDERERO, ARL; MIASSO, AI; CORRADI-WEBSTER, CM. Estresse e estratégias de enfrentamento em uma equipe de enfermagem de pronto Atendimento. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, n. 10(1), p. 51-62, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n1/v10n1a05.htm>> Acesso em: 5 jun. 2017.

CARVALHO, Antonio Vieira de; SERAFIM, Aziléa Clen gomes. **Estresse no trabalho**. Administração de recursos humanos. 2. ed. CENGAGE LEARNING, 2002. cap. 4, p. 122-153. v. 2.

CARVALHO, Clarissa Barbosa Ramos Prudêncio de; SILVA, Sandra Roberta Alves. **Diálogo Social: mulheres costurando direitos**. Santa Cruz do Capibaribe: Secretaria da Mulher de Pernambuco, 2015.

CHIAVENATO, Idalberto. Estresse no trabalho. In: **Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. cap. 15, p. 433-437.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Dicionário Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=escambo> Acesso em: 5 jun. 2017.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Sueli de Castro. **Do comércio de retalhos à feira da sulanca: uma inserção de migrantes em São Paulo**. 226f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2002.

HELENO, Edilane Do Amaral. **Configurações do trabalho a domicílio nas confecções de roupas de jeans no município de Toritama - PE**. 313f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

HIRATA, Helena. **Globalização e divisão sexual do trabalho**. cadernos pagu (17/18) 2001/02: pp.139-156.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 13 jun. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**, 4. ed., Brasília: Ipea, 39 p., 2011.

LEITE, Márcia de Paula. Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. **Trabalho, Educação e Saúde**, 2(1), p. 239-265, 2004.

LIMA, Angela Maria de Sousa. **As faces da subcontratação do trabalho: um estudo com trabalhadoras e trabalhadores da confecção de roupas de cianorte e região**. 355f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LIRA, Sônia Maria de. **Os aglomerados de micro e pequenas indústrias de confecções do agreste/PE: um espaço construído na luta pela sobrevivência**. **Rev. Geografia Vol. 23, No 1: Revista de Geografia. Recife, 2006.**

MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(2): 352, maio/ago, 2010.

MARRAS, Jean Pierre; VELOSO, Henrique Maia. **Estresse ocupacional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MODA CENTER SANTA CRUZ. Disponível em <www.modacentersantacruz.com.br> Acesso em 16 jun. 2017.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NEVES, Magda de Almeida. PEDROSA, Célia Maria. **Gênero, flexibilidade e precarização**: o trabalho a domicílio na indústria de confecções.. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 11-34, jan./abr. 2007

PEREIRA NETO, Eugenio Vital. **Qualificação profissional e relações de trabalho no polo de confecções de Pernambuco**: trajetória e perspectivas de atuação do *SENAI*. 235f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2011.

SÁ, Marcio Gomes de. **Os filhos das feiras e o campo de negócios agreste**. 271f. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Estudo econômico do arranjo produtivo local de confecções do agreste pernambucano**, Recife, 2013.

SEGANTIN, Benedita das Graças de Oliveira; MAIA, Eliana Martins de Faria Lemos. **Estresse vivenciado pelos profissionais que trabalham na saúde**. 49f. Monografia (Especialidade em Saúde), Instituto de Ensino Superior (INESUL), Londrina, 2007.

SOARES, Cristiane; SABÓIA, Ana Lúcia. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005, IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Juliana Fernandes da Costa. **Estresse ocupacional e suas principais causas e consequências**. 44f. Monografia (Especialista em Gestão Empresarial) – Instituto a vez do mestre – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA FILHO, Antônio Romão Alves da. **Desenvolvimento de sistema simplificado de gestão ambiental aplicado à micro e pequenas empresas de beneficiamento de jeans**. Tese (Doutorado em Engenharia Civil), Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

TAMAYO, Maurício Robayo; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôres. Exaustão emocional: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de *coping* no trabalho. **Estudos de Psicologia**, Brasília, 7(1), abril, p. 37-46, 2002.

TORITAMA JEANS. Disponível em: <<http://toritama-jeans.com/parque-das-feiras-toritama>> Acesso em: 05 jun. 2017.

VELOSO, Renato. **Relações de gênero**: notas introdutórias. ENFOQUES - Online - revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ. v.2. n. 1 jul. 2003 p. 29-100

VÉRAS DE OLIVEIRA, R. O Polo de confecções do Agreste de Pernambuco: elementos para uma visão panorâmica. In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

ZANATTA, Mariana Scussel. O polo de confecções do agreste pernambucano: origem e transformações. **Revista CIENTEC**, v. 6, n. 1, p. 10–23, 2014.

_____. **Quando o *fabrico* se torna fábrica**: desdobramentos do processo de formalização dos empreendimentos industriais de confecções em Caruaru/PE. 256 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada (1ª Fase)

Objetivo: compreender o modo de trabalho na confecção

- Qual sua rotina na unidade produtiva?
- Qual sua função?
- Qual sua carga horária?
- As condições do ambiente de trabalho são favoráveis? Iluminado e Ventilado?
- Como se dá sua remuneração? Salário ou produtividade?
- Faz horas extras?
- Existe conflitos entre os colegas?
- Existe conflito entre funcionários e chefia?
- Você se sente satisfeita com o trabalho?
- Pretende mudar de profissão?
- Como você faz pra lidar com a dupla jornada?

APÊNDICE B - Roteiro da observação direta

SELEÇÃO DO AMBIENTE

-Fábrica e Fabrico de Jeans

SELEÇÃO DO FOCO DA OBSERVAÇÃO

- a organização da produção e do trabalho dentro da fábrica no momento em que os trabalhadores executam as atividades e no fabrico no final do expediente.

OBSERVAÇÕES DESCRITIVAS

- Visão geral da fábrica: espaço, layout;
- quantidade de máquinas e suas disposições;
- como se dá o trabalho da costura.

OBSERVAÇÕES FOCAIS

- Ambiente de trabalho: iluminação e segurança nos postos de trabalho;
- Uso de fardamentos;
- Equipamentos de Proteção Individual (EPI's).

OBSERVAÇÕES SELETIVAS

- Jornada de trabalho
- Intensidade do trabalho

FIM DA OBSERVAÇÃO

-O fim da observação se deu em função da duração das visitas às fábricas e aos fabricos

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada (2ª Fase)

1º BLOCO - PERFIL DA TRABALHADORA

- Qual sua idade?
- Qual o estado civil?
- Possui filhos?
- O espaço do domicílio é o mesmo do trabalho?
- Você é a provedora do lar?

2º BLOCO - TRABALHO NA CONFECÇÃO E TRABALHO DOMÉSTICO

- Você pode contar um pouco como você começou na confecção?
- Atualmente, onde você trabalha e qual a função que você ocupa?
- Qual o tipo de remuneração: é salário fixo ou por produção?
- O trabalho é com carteira, sem carteira?
- Como é seu dia a dia de trabalho na confecção?
- Sobre as atividades domésticas, há quantos anos realiza tarefas domésticas? Como é seu dia a dia com o trabalho doméstico?
- Você acha que a atividade doméstica é atribuição feminina? Por que?
- Como faz para organizar a sua rotina entre o trabalho doméstico e o trabalho com a costura?

3º BLOCO - FATORES ESTRESSORES

- Na confecção, como é o seu relacionamento com os colegas? E com a chefia?
- Na confecção, existem períodos de maior produção? E como você lida com as metas de produção? Nestes períodos, você faz horas extras?
- Você tem algum momento de descanso durante o dia?
- Já aconteceu de se sentir cansada ou sem dar conta das suas atividades?
- Você fez alguma coisa para mudar isto?
- Você já se afastou das atividades de casa e do trabalho por algum motivo? O que houve?
- Como você cuida de si mesma?
- Já se sentiu ansiosa?
- Quando se sente estressada o que faz para relaxar?
- E isto consegue acabar com aquilo que estressa você?
- O que você tem a dizer sobre o seu trabalho na confecção?
- Quais os seus planos para o futuro?

APÊNDICE D - Sistematização do Material Empírico

Dupla Jornada		
Subtemas	Trechos das entrevistas	Insights
Afazeres domésticos e o tempo gasto	“...eu acordo, aí vou fazer as coisas do almoço quando fica pra assar uma carne, uma coisa assim, um peixe, fazer um suco... preparo o café dele [...]” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17)	É possível perceber que os intervalos do trabalho com a confecção são preenchidos pelas “coisas” que são os afazeres domésticos.
	“Faço o almoço, as coisas, vou trabalhar e quando chega é que faço as coisas de novo de casa” (Costureira 05, entrevista em 20.06.17)	
	“Eu faço a noite as coisas quando eu chego” (Costureira 06, entrevista em 22.06.17)	

Trabalho na Costura		
Subtemas	Trechos das entrevistas	Insights
Inserção no trabalho da confecção	“Eu comecei tinha 12 anos por ai...” (Costureira 05, entrevista em 20.06.17)	Esta mulheres foram inseridas na costura quando ainda crianças ensinadas no convívio da confecção enquanto auxiliavam, também pela família ou por amigas mais próximas.
	“Ah, eu tinha uns 14 anos, 15” “Foi, na hora do lanche eu ia me furar, ia aprender e errava acertava, errava, acertava” (Costureira 01, entrevista em 21.06.17)	
	“Aprendi um pouquinho com a minha prima, depois eu fui trabalhar numa facção, ai comecei a aprender a chular e vim mesmo a aprender a praticar nessa facção que eu to aqui do lado” (Costureira 03, entrevista em 20.06.17)	

Fatores Estressores		
Subtemas	Trechos das entrevistas	Insights
Sobrecarga	“Eu já vou dormir com os problema tudo na cabeça [...]” (Costureira 02, entrevista em 04.04.17)	As funções exercidas pelas trabalhadoras são muitas, que quando acordam já precisam correr para realizar os afazeres domésticos e após irem ao trabalho.
	“Já acordo fazendo almoço, tudo [...]” (Costureira 04, entrevista em 20.06.17)	

Enfrentamento do Estresse		
Subtemas	Trechos das entrevistas	Insights
Formas de enfrentamento	“[...] tem dia que... eu sinto vontade de chorar, todo dia eu sinto vontade de chorar, todo dia, mas, vou fazer o que? [...]” (Costureira 01, entrevista em 26.03.17)	As mulheres, buscam estas formas de escape, para que se sintam aliviadas do grande número de tarefas que possuem.
	“Tem dia que eu tô ali, se eu pudesse jogava tudo, quebrava as máquina e ia embora pra andar por ai [...]” (Costureira 02, entrevista em 04.04.17)	